



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Curso de Pedagogia

**Prescrições Médicas e *Noções de Higiene* para as escolas do Rio de Janeiro
no início do século XX**

Rafaella Neves Leitão

São Gonçalo,

2014

Rafaella Neves Leitão

**Prescrições Médicas e *Noções de Higiene* para as escolas do Rio de Janeiro
no início do século XX**

Monografia apresentada no curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sônia Camara

São Gonçalo,

2014

Rafaella Neves Leitão

**Prescrições Médicas e *Noções de Higiene* para as escolas do Rio de Janeiro
no início do século XX.**

Monografia apresentada no curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em: 31/01/2014
Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Sônia Camara (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof. Dr. Jorge Antonio Rangel (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

São Gonçalo,
2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela imensa oportunidade de viver e poder ser usada como instrumento em Suas mãos, por me dar a visão de um chamado maior que perpassa toda a minha vida. Por me permitir fazer parte de um grupo privilegiado no Brasil que conclui o Ensino Superior. Por ser meu maior presente, que todos os dias me acorda para cumprir a missão que Ele determinou para mim. Por me conceder sabedoria, força e fé para enfrentar cada obstáculo, superando todos eles com muita graça. Por traçar meu caminho e me ajudar a ver o melhor de todas as coisas da vida.

À minha mãe Regina, que me ensina a viver a cada dia. Todos os valores que carrego na vida, aprendi com você. Obrigada por me apoiar em todos os momentos com muito amor, carinho, dedicação e paciência, me aconselhando nos processos da vida e me instruindo a ser uma pessoa melhor todos os dias! Obrigada por suas orações, tenho certeza que chegaram ao coração do Pai. E hoje compartilhamos a alegria deste trabalho concluído!

À minha irmã Roberta pela dedicação e empenho para comigo, é muito bom saber que você estará ao meu lado, me apoiando em todas as minhas escolhas! Ao meu pai que me mostrou o mundo acadêmico e me incentivou ao ingresso na Universidade, sua contribuição sempre foi e sempre será necessária!

À minha família que acreditou em mim e esteve presente em cada realização. À minha prima Maria Eduarda que sempre vibrou com minhas conquistas! Aos amigos que sempre presente fizeram parte da minha história, me ajudando a ser o ser humano que me constituo hoje.

Às amigas Vera e Denize que vibraram comigo quando passei no vestibular. Obrigada por quererem o meu sucesso.

Ao meu namorado Victor Castro, que chegou em minha vida no finalzinho desta trajetória, mas que me deu todo o apoio para que eu concluísse esta etapa, sabendo que tudo tem o seu tempo.

À minha amiga Aline Ribeiro, minha sincera gratidão. Obrigada por estar presente em todas essas etapas, pela amizade e carinho. Por compreender os

momentos que passei para que este trabalho fosse concretizado. Obrigada pelas aulas de Biologia para o vestibular. Sem você essa vitória não teria a menor graça!

Aos queridos amigos e professores do Instituto de Educação Clélia Nanci, escola em que aprendi o que é ser professor, onde despertei para minha vocação.

À Professora Maristéla de Assis que me incentivou a ingressar e acreditar na Pedagogia e que com sua atenção e conversas me ensinou que a bondade nos leva a alcançar os melhores lugares na vida. Obrigada por iluminar meu caminho e torná-lo ainda melhor.

Às amigas de turma. Jamais esquecerei da turma 2009.1. Cada dificuldade que passamos juntas, lutas, conquistas e porque não falar das derrotas, que sempre nos levou a erguer a cabeça e acreditar na Educação! Obrigada meninas, vocês fizeram desses anos os mais intensos da minha vida! Em especial agradeço às mais chegadas Evelyn Cecília, Marcella Cristina e Bruna Cabral, uma amizade que se iniciou aqui e que vou levar para o resto da minha vida!

À todos os professores da UERJ/FFP que nos instruíram com toda a paciência, nos mostraram que o caminho acadêmico não é dos mais fáceis, mas que com competência e persistência podemos chegar longe.

Ào amigos do grupo NIPHEI Jorge, Thaís Rosa, Erica da Silva, Maria Elane, Iana Torres e Irla Mary sem vocês meu trabalho não teria existido. Obrigada pelos momentos que compartilhamos nossas angústias e vitórias. Em especial à Irla e Iana que neste finalzinho me incentivaram a acreditar que seria possível este trabalho ficar pronto.

À Tamires Paiva que mesmo sem nos conhecermos contribuiu imensamente com este trabalho me ajudando com suas pesquisas e trabalhos sobre o tema.

Ao professor Rogério Coutinho, sem você eu não teria ingressado no NIPHEI. Obrigada por todo auxílio, compreensão e carinho ao longo da minha formação.

Ao professor Dr.^o Jorge Antônio (Fidel) que com carinho me incentivou a seguir mais longe do que eu imaginava que poderia ir. Obrigada pelos momentos de descontração, sem os quais as idas para as reuniões de pesquisa não teriam a menor graça. Agradeço ainda por aceitar ser o parecerista deste trabalho.

À professora Dr.^a Sônia Camara que me acolheu e me ensinou os caminhos da pesquisa acadêmica, sua presença foi fundamental para meu crescimento pessoal. Obrigada por me possibilitar trabalhar ao seu lado. Por todo carinho dedicado a mim, por ouvir minhas ideias e contribuir para a minha formação. Por me mostrar que vale a pena seguir a carreira acadêmica. Pelo exemplo de força, dedicação, sabedoria e competência compartilhadas. E por me orientar neste trabalho, que se não fosse por você não existiria desta forma.

Sem sonhos, a vida não tem brilho. Sem metas, os sonhos não têm alicerces. Sem prioridades, os sonhos não se tornam reais. Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos. Melhor é errar por tentar do que errar por omitir! (Augusto Cury)

Resumo

Este trabalho de monografia busca analisar as noções de higiene pensadas para as escolas do Rio de Janeiro, no início do século XX, neste tempo Capital Federal do Brasil. Através das transformações vividas na cidade, colocamos em pauta as discussões dos médicos higienistas com intuito de divulgar os saberes científicos e propagar a profilaxia das doenças contagiosas que acometiam crianças e adultos na cidade. Utilizamos como fonte primária o manual: “Noções de Higiene para uso das escolas” escrito, em 1914, por Afrânio Peixoto e Graça Couto, ambos médicos higienistas, para entender como os discursos deste médicos ganha o espaço da escola, formando hábitos, elegendo assuntos importantes a serem pensados na formação de uma sociedade saudável e formando professoras para intervirem nos hábitos dos alunos.

Palavras-chave: Higiene, Escola, Médicos-higienistas, Hábitos

Abstract

This thesis work aims at analyzing the notions of hygiene schools of thought to Rio de Janeiro, in the early twentieth century, this time Federal Capital of Brazil. Through the transformations experienced in the city, put on the agenda the discussion of health doctors aiming to promote scientific knowledge and propagate the prophylaxis of infectious diseases affecting children and adults in the city. Used as a primary source manual: "Understanding Care for use in schools" written in 1914 by Peixoto and Graça Couto, both doctors hygienists to understand how discourses of this medical school gets the space, forming habits, choosing subjects thought to be important in the formation of a healthy society and graduate teachers to intervene in the habits of the students.

Keywords: Hygiene, School, Doctors-hygienists, Habits

Índice de Imagens

Imagem 01- Capa da Tese Médica de 1912.....	p.24
Imagem 02- Capa do Livro <i>Noções de Hygiene</i>	p.40
Imagem 03- Imagem do livro <i>Noções de Hygiene</i> demonstrando a fúria de um homem alcoolizado.....	p.48
Imagem 04- Imagem do livro <i>Noções de Hygiene</i> demonstra homem sendo preso por causa do álcool.....	p.49
Imagem 05- Imagem do livro <i>Noções de Hygiene retrata como o álcool degenera as pessoas</i>	p.49
<i>Imagem 06- Imagem do livro Noções de Hygiene retrata hospício de loucos</i>	p.50

Sumário

Introdução.....	p.12
CAPÍTULO I - Pela Ordem e pelo Progresso: modernidade, intelectuais e ciência	p.15
1.1- A Belle Époque Brasileira e as mudanças na cidade do Rio de Janeiro.....	p.16
1.2- A Higiene e o lugar da infância na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.....	p.22
CAPÍTULO II - A higiene na escola: Prescrições sobre higiene para os alunos.....	p.29
2.1- Escola como lugar: disseminação dos discursos higienistas.....	p.30
2.2- O advento da ciência e a proliferação de discursos médicos nas escolas.....	p.34
CAPÍTULO III- “As Noções de Higiene” e sua perspectiva na escola.....	p.39
3.1- O Livro “Noções de Hygiene”: concepções acerca da Higiene.....	p.40
3.2- Noções de Higiene na educação.....	p.52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.59

Introdução

Esta monografia é produto de pesquisas iniciadas em 2009, quando ingressei no grupo Núcleo Interdisciplinar de História da Educação e Infância (NIPHEI), especificamente meu foco se voltou à Higiene Escolar quando fui bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ, no ano de 2012, no projeto: “A arte de cultivar crianças: higiene escolar e educação da infância no Rio de Janeiro de 1909 a 1933”, projeto de pesquisa coordenado pela Professora Dra. Sônia Camara, coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Infância. A partir de estudos e pesquisas iniciados pelo projeto, tive a oportunidade de pesquisar, mapear e sistematizar fontes relacionadas ao tema, dentre elas algumas teses do Centro de Ciências da Saúde(CCS) da UFRJ, materiais do Arquivo da Cidade, Biblioteca Nacional, entre outros.

Com este primeiro contato de pesquisa, minha curiosidade e vontade em saber mais sobre a Higiene Escolar só aumentou, me levando a buscar mais sobre o que a Higiene Escolar proporia para a formação de hábitos saudáveis, qual a sua atribuição para as escolas do Distrito Federal e o porquê de se pensar em higienizar os alunos. Foi isso que me instigou a saber mais sobre este tema, e assim estudar sua relevância para a pesquisa histórica em educação.

Para a constituição do projeto de monografia, utilizamos como recorte trabalhar com a Higiene Escolar no início do século XX, pelo fato de 1914 ser o ano da publicação do livro *Noções de Hygiene: livro de leitura para as escolas*, que usamos como dispositivo que nos ajuda a pensar o que era prescrito pelos médicos para as escolas em relação à práticas higiênicas. Escrito por Afrânio Peixoto, médico escritor e professor de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na Cátedra de Higiene da Faculdade de Medicina além de assumir vários espaços importantes na época e pelo médico Graça Couto que foi Diretor dos Serviços de Profilaxia e Desinfecção e Diretor Geral Interino da Saúde Pública do Rio de Janeiro. Ambos envolveram-se com as questões de saúde e de profilaxia, para além da Medicina clínica.

Por ser esta a primeira obra deste gênero que se publicou no Brasil, segundo os próprios autores, optamos em utilizá-la buscando compreender os ideais

higienistas em voga neste período. Analisamos as propostas descritas nesse manual para os alunos, as representações de escola, de infância e de higiene que compõe o discurso médico higienista e a associação da escola com a modernização pela qual a sociedade nesse período passaria.

Algumas das minhas indagações ao trabalhar este tema eram: O que era a educação higiênica? Como este discurso dos médicos ganha espaço nas escolas de formação de professores? Por que a escola foi escolhida como *lócus* de pesquisa e avanços da ciência médica? Como os discursos médicos em voga atravessariam o espaço escolar e chegariam ao restante da sociedade?

Para pensar estas questões viemos estudando textos que nos auxiliaram a pensar sobre o papel do historiador e da escolha em trabalhar com a perspectiva da História Cultural com os autores Bloch (2001), Schwarcz (2001), Le Goff (2001), e Burke (1991), para entender o contexto histórico do Rio de Janeiro, no início do século XX, trabalhamos com Needel (1993), Benchimol (2003), Neves (2003), Sá (2006) e Camara (2010), analisamos alguns artigos, que ajudaram a entender os avanços da ciência médica e a Higiene Escolar como campo de atuação dos médicos como os de Stephanou (2004; 2006), Rocha (2000), Paiva (2011; 2013) , Silva (2012), Stephan (2005), Marques (1994) e Camara (2011; 2013).

Segundo Schwarcz (2001), com base em Bloch, a história seria pensada como problema, não mais uma história positivista, mas uma escrita que se preocupasse com os sujeitos e os processos históricos. Assim sendo as fontes não apresentariam verdades absolutas. Através disto, entendemos que os documentos oferecem vestígios que devem ser interrogados pelo historiador. Desta forma o papel do pesquisador em história é de buscar os vestígios, as fontes e através delas trabalhar o contexto vivido à época e não julgá-lo. A partir deste “diálogo” com as fontes, deve-se tirar delas indícios que nos permitam problematizar as interpretações construídas para assim analisarmos o contexto social, político e econômico em que os fatos aconteciam.

Sabendo do papel do historiador queremos analisar a constituição da Higiene Escolar através de artefatos que nos levem a refletir os dispositivos utilizados na construção desta história. Não temos como objetivo relatar apenas acontecimentos, e sim repensá-los e indagá-los, reconhecendo os sujeitos que os compõe, além dos

lugares que eles ocupam na sociedade e os espaços frequentados por eles. Pensando assim, nas condições em que a higiene chegou até as escolas.

Segundo Rocha (2000), a análise das estratégias por meio das quais se deu a intervenção na escola consiste em uma via privilegiada para compreendermos a produção social da escola, oferecendo elementos para pensar sobre como alguns aspectos da cultura escolar foram sendo constituídos, interligando uma gama de saberes que postularam o poder da ciência em relação à configuração de um novo modelo de escola.

Os médicos com seus discursos e teses apresentadas nas faculdades de medicina, buscaram meios de intervir na sociedade de forma que a tornasse apta para acolher o progresso que se configurava no início do século XX. Neste intuito elegem a escola como *lócus* de pesquisa onde os saberes por eles prescritos como essenciais à prática escolar higiênica ecoariam, chegando as casas dos alunos e aos lugares onde esses alunos frequentassem. Com este intuito de pesquisar dividimos esta monografia em três capítulos.

No primeiro capítulo nome falamos sobre o contexto histórico vivido no início do século XX, no Rio de Janeiro, no período da Belle Époque tropical onde o Rio passou por diversas transformações físicas e estruturantes. Buscamos construir uma reflexão sobre a necessidade de se erguer uma nação higiênica cobrada pelos médicos higienistas, pensando no lugar da infância.

No segundo capítulo falamos sobre a higiene na escola e sua proliferação, com o intuito de pensar em como os avanços da ciência médica contribuíram para que a escola fosse eleita lugar privilegiado para se pensar a divulgação dos saberes médicos.

No terceiro capítulo realizamos uma análise do livro *Noções de Higiene para uso das escolas*, escrito por Afranio Peixoto em co-autoria com Graça Couto, publicado no ano de 1914. Escolhemos este livro por conter informações importantes sobre a escola, os alunos, os professores e sobre o papel da educação neste contexto de início do século XX, no Rio de Janeiro.

Capítulo I

Pela Ordem e pelo Progresso: modernidade, intelectuais e ciência

1.1- A Belle Époque Brasileira e as mudanças na cidade do Rio de Janeiro

Vertigem e aceleração do tempo. Esta seria, sem dúvida, a sensação mais forte experimentada pelos homens e mulheres que viviam ou circulavam pelas ruas do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX. [...] Tudo parecia mudar em ritmo alucinante. A política e a vida cotidiana; as ideias e as práticas sociais; a vida dentro das casas e o que se via nas ruas (NEVES, 2011, p.15).

Entre finais do século XIX e início do século XX, buscou-se instituir o progresso e a civilização para o cenário brasileiro. Nesse contexto, os intelectuais, foram mobilizados a organizar iniciativas que estruturassem o estado republicano que se organizava em meio às precariedades urbanas como: disseminação de doenças, casas insalubres, espaço urbano precário com ruas sujas e proliferação de ratos.

Segundo Needell (1999) entre 1898-1914, está compreendido o período conhecido como a *Belle Époque* carioca, que pode ser entendida como uma fase de grandes mudanças na história cultural brasileira, “a *belle époque* carioca pode ser considerada quer como apogeu de tendências específicas de longa duração, quer como fenômeno inédito, assinalando uma fase única da história cultural brasileira” (NEEDEL, 1999, p.19).

A *belle époque* carioca inicia-se com a subida de Campos Salles ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado. As condições para a estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão (NEEDEL, 1999, p.39).

Este período perpassou não só o projeto arquitetônico de cidade, chegando à perspectiva cultural, social e econômica para a capital do país, como também novos valores começaram a ganhar força na sociedade brasileira. Essas mudanças traziam a ideia de reformulação da esfera pública, das instituições, quanto à organização privada dos lares e das famílias.

O Rio de Janeiro no início do século XX constituía-se como cenário de transformações urbanísticas e sanitárias que se refletiam na formulação de propostas públicas e privadas assentes no ideal de modernidade, de civilização e de progresso (CAMARA, 2013, p. 3).

Segundo Needel (1999), a cidade do Rio de Janeiro era o centro de mudanças, desde o século XIX. Tendo-se tornado o ponto de convergência de todas as tendências políticas da época, “a cidade sediou movimentos e manifestações que levaram à libertação dos escravos e ao fim da Monarquia”, por exemplo (NEEDEL, 1999, p.40).

Como Capital Federal do Brasil, no início do século XX, o Rio de Janeiro tornou-se um polo irradiador da cultura advinda principalmente da Europa. A Capital era um símbolo da República próspera e da brasilidade. Desta forma, grandes foram as transformações de diversos gêneros cultural, social e econômico, tanto no meio público quanto no privado, que interviam no modo de viver das pessoas. Isso, pelo fato da cidade do Rio de Janeiro, mas não somente ela neste período, ser a porta de entrada dos mais diversos ideais europeus que além de modificarem o espaço urbano, contribuíram para que os costumes fossem diferentes, sendo vista como espelho da civilidade Brasileira.

Antes de passar por essas transformações, a cidade do Rio de Janeiro era composta por precárias condições urbanística e sanitária. Reclamava-se do ar impuro devido os transportes, das praças e dos jardins que eram poucos, o que dificultava a circulação de ar entre as ruas e o embelezamento das mesmas, das habitações miseráveis à falta de limpeza das ruas. O espaço da cidade era marcado por ruas irregulares, becos, ruelas estreitas, comércio no centro da cidade e trânsito precário. Além desses problemas a proliferação de doenças como varíola, febre amarela, malária e tuberculose, assolavam a população da cidade, aspectos que demonstrava a inadequação da cidade como centro irradiador de um projeto de civilização do País, nem tão pouco retratava o ideal de ordem e de progresso proclamados para a República que se constituía.

A cidade carecia de modernização, esta era uma das metas da nova elite republicana. A Capital foi tornando-se um centro de recursos comerciais e industriais. Abrigava as sedes do Banco do Brasil e de outros bancos, além da Bolsa de Valores. Detinha um Porto importante que trazia e levava recursos, estimulando o comércio.

Marcada pela escravidão que a pouco ainda compunha o cenário da cidade, a República chega reclamando novos hábitos de viver. Assim como a cidade, os sujeitos que a compunham também deveriam mudar. As roupas, as falas, os

lugares, novas construções, tanto no âmbito material quanto de ideologias. Precisávamos ser civilizados, limpos, educados, fortes e saudáveis. Com o ímpeto da modernização ações “(...) foram implementadas pelos órgãos municipais e federais no esforço de dar à cidade uma feição condizente com o seu lugar de capital e vitrine do país” (CAMARA, 2010, p.89 - 90).

Em 1902, Pereira Passos assume o mandato de Prefeito da cidade. Devido sua formação francesa, Pereira Passos implementa, entre 1903-1906, reformas que modificaram o cenário da cidade do Rio, inspirado nas mudanças feitas pelo engenheiro Haussman, em Paris. Para Benchimol (2011) ele seguiu os ideais de modernismo e urbanismo, inspirado nas Reformas da Europa, impondo ao cenário da cidade iniciativas marcadas pelo “bota-abaixo”.

Pereira Passos, contudo, fez muito mais. Pavimentou ruas, construiu calçadas e asfaltou estradas, abriu o Túnel do Leme (...), iniciou a avenida Atlântica, criou a avenida ligando os subúrbios do Flamengo e Botafogo, melhorou uma série de outras ruas, demoliu o decrepito mercado municipal que desfigurava o bairro da Glória, e ergueu outro perto das instalações portuárias e do movimento da Cidade Velha, embelezou locais como as praças Quinze de Novembro, Onze de Junho, Tiradentes, Glória, o Largo do Machado, o Passeio Público e o Campo de Santana (NEEDEL, 1999, p.57).

Para Pereira Passos, sanear e urbanizar, eram propostas contidas em seu mandato. As pessoas deveriam mudar juntamente com a cidade que crescia e se modificava à luz dos saberes médicos e científicos. Para Needel (1999), Pereira Passos além de intervir no meio, atacou também algumas tradições cariocas:

[...] proibiu a venda ambulante de alimentos, o hábito de cuspir no chão dos bondes, o comércio de leite em que as vacas eram levadas de porta em porta, a criação de porcos dentro dos limites urbanos, a exposição de carne na porta dos açougues, a perambulação de cães vadios, o descuido com as pinturas das fachadas, a realização do entrudo e os cordões sem autorização no Carnaval, assim como uma série de outros costumes “bárbaros” e “incultos” (NEEDEL, 1999, p.57).

Mesmo com mudanças de cenários: derrubada de morros, melhorias nos transportes, nos portos e etc., a modernização da cidade fez crescer também a

miséria, as doenças e as divergências sociais. Segundo Souza (2008) no início do século XX, o Brasil ainda era visto como uma nação em formação, composta por uma grande população negra e miscigenada, inclusive recém-saídos do sistema escravista, juntamente com a população indígena e sertaneja que habitava o interior do Brasil.

Neste intuito, intelectuais da área do Direito e da Medicina, buscaram intervir no âmbito social. Como poderia uma cidade capital acomodar pessoas sujas, maltrapilhas, deseducadas e doentes? Mas não somente mudanças físicas marcaram este período. Juntamente com essas mudanças, novas leis e posturas municipais foram traçadas. Eram coibidos atos “ímorais” que pudessem de alguma forma desmoralizar o retrato civilizador que se queria passar. Desta forma, disciplinar a população era o que se pretendia. Podemos dizer, que a reforma urbana pela qual passou a cidade,

(...) alterou profundamente sua fisionomia e estrutura, e que repercutiu como um terremoto nas condições de vida da população, dando origem a uma paisagem nova (...). Além das obras de demolição e reconstrução sem precedentes na história dessa e de outras cidades brasileiras, um cipoal de leis e posturas procurou coibir ou disciplinar esferas da existência social refratárias à ação do Estado. A reforma urbana foi, na realidade o somatório não previsto das ações de múltiplas forças, humanas e não humanas (BENCHIMOL, 2011, p.234).

Com o advento da ciência proliferaram a surgir as concepções de eugenia e higiene como forma de intervenção direta sobre a população. A eugenia seria o “controle” social através da raça, por ela se delimitaria questões que envolviam doenças hereditárias, casamentos perniciosos entre outros. Sobre a eugenia Souza nos afirma que:

Quando as discussões sobre a eugenia foram introduzidas no Brasil nas primeiras décadas do século XX, suas idéias e pressupostos tornaram-se recorrentes no meio intelectual e científico, especialmente entre médicos, higienistas, juristas e educadores. Na literatura nacional, o termo “eugenia” aparecia sempre como símbolo de modernidade cultural, assimilada com um conhecimento científico que expressava muito do que havia de mais “atualizado” na ciência moderna. Falar sobre a eugenia significava pensar em evolução, progresso e civilização, termos que constituíam o imaginário

nacionalista das elites brasileiras. Em muitos casos, a eugenia era interpretada como a “nova religião da humanidade”, tamanha a admiração e crença que os “homens de ciência” depositavam nessa forma de conhecimento (SOUZA, 2008, p.146).

Neste intuito, o cuidado com a criança e o papel assumido pela escola na prevenção de doenças estão atreladas a um conceito de higiene. Nessa direção defende Marques (1994) que a ideia da eugenia também vai estar presente na base da educação desenvolvida no país. Assim, nos anos de 1920, deu-se a “proliferação discursiva que condenava os contágios de pessoas de etnias diferentes como fonte de degeneração racial e de degradação moral” (Marques, p.15). Contudo, pretendia-se prescrever medidas em benefício da prole e, por conseguinte do país. Nessa empreitada eugênica a escola assumiu papel importante na naturalização de conhecimentos e papéis sociais.

Tratava-se, antes de tudo, de uma verdadeira cruzada civilizatória a que se atiravam os eugenistas, estes arautos dos tempos modernos. Na sua missão, ocuparam todos os espaços possíveis: as academias médicas, as sociedades filantrópicas, as casas legislativas, as escolas, as delegacias de polícia, os tribunais de justiça, estabelecendo uma verdadeira rede de solidariedade entre discursos, instituições e personagens, entre estes o médico, o pedagogo, o jurista, os agentes do controle social repressivo, a dona de casa, o pai preocupado com o destino de sua prole (MARQUES, 1994, p.15).

Segundo Camara (2010), a educação foi pensada como maneira de sustentar os ideais advindos com a República, constituindo-se como eixo que articularia os valores de orientação e organização da nação brasileira. Para isso, era necessário desenvolver iniciativas que ajudassem a organizar a educação e o ensino a serem gerenciados pelo poder estatal na direção de uma proposta que pudesse representar a ampliação da escolarização elementar às massas que até então era excluída da escola. “Através da educação, pretendia-se transformar os comportamentos consolidados ao perfil do carioca, instituindo novas práticas e estabelecendo a identidade de uma nova geração” (CAMARA, 2010, p.129).

A ênfase direcionada à instrução das crianças associava-se ao caráter essencial da educação para o aprimoramento da raça e para o engrandecimento da pátria. Em uma clara alusão, destacaram o papel preponderante que essa assumia no processo de “redenção

nacional” que se esperava incrementar com a educação física e moral da crianças. Incutir os valores de ordem, de civilidade, desenraizando os hábitos pertinentes às camadas populares dos fazeres e pensares das crianças constituiu-se a tônica dos discursos e ações enfeixadas em torno da prerrogativa curativa da infância pobre.[...] (CAMARA, 2010, p.126 , 127).

Muitos médicos buscavam inspiração em suas viagens à França, Inglaterra. A Europa era o “modelo” a ser seguido. A partir da segunda metade do século XIX, as ideias higienistas já corriam por diversos países. Com isto, os discursos destes médicos, ficavam cada vez mais recorrente, pois eles eram os homens de ciência. A autoridade médica os colocava num patamar acima do restante da população. O respaldo da ciência, das pesquisas, fazia com que suas falas e prescrições tivessem grande valia.

Além disso, podemos perceber a presença de temas científicos recorrente em matérias de jornais e periódicos que circulavam no Rio de Janeiro. A imprensa trazia notícias sobre as novas descobertas da ciência, a presença de cientistas brasileiros no país. Palestrantes, médicos, bacharéis, que vinham ao Brasil para divulgar as mais diversas notícias através de alocações, cursos e palestras feitas em Congressos em todo o mundo. Isso devido à importância dada à ciência no processo de modernização e civilização do país.

Nesse período, a presença dos temas científicos era bastante intensa nos jornais diários e nos semanários que circulavam no Rio de Janeiro. Figuravam nas chamadas de primeira página, em artigos, editoriais, seções e números especiais. A imprensa noticiava as novas descobertas científicas, as viagens dos cientistas ao exterior, a presença de cientistas estrangeiros no país, suas biografias, perfis e obituários, e ainda costumava realizar entrevistas e reproduzir as palestras, as aulas e os discursos proferidos nas mais prestigiadas instituições da época. E tudo isto graças à importância então conotada à ciência no processo de modernização e civilização do país (SÁ, 2006, p.17).

Segundo Neves (2011) há acontecimentos da virada do século que mostram que para além de iniciativas de reconstrução do país, de progresso e de civilização a medicina, a ciência e a psicologia ganhavam espaço juntamente com a modernidade

que se esperava atingir: “Novas conquistas da ciência e da técnica e novas invenções revolucionam os hábitos e o cotidiano.” (NEVES, 2011, p.21)

1.2- A Higiene e o lugar da infância na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

[...] As concepções produzidas e as experiências realizadas no Brasil foram compreendidas no fluxo das ideias que se encontravam em circulação no contexto internacional. A centralidade que a infância e a sua produção como objeto de saber e de conhecimento adquiriu, nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, despontou, por exemplo, na ênfase e na recorrência que a temática assumiu em congressos nacionais e internacionais realizados a partir de diferentes enfoques (CAMARA, 2010, p.28).

Neste período da *Belle Époque*, foi intensificada a ideia de civilidade e a intervenção do Estado era de suma importância para o progresso da nação. Neste sentido, a criança deveria ser educada, sendo a escola o lugar por excelência para isso. Os intelectuais acreditavam que na escola a criança aprenderia como ser um indivíduo melhor, com a incorporação de hábitos de higiene, moral e civilidade. Desta forma, poderia colaborar para propagar normas e hábitos, sendo assim um divulgador dos hábitos que contribuiriam com o progresso da sociedade.

Ao mesmo tempo em que falamos da escola, não podemos esquecer que neste período, finais do século XIX e início do século XX, as escolas com prédios escolares próprios ainda eram raros. As escolas eram constituídas em casas que não eram lugares adequados, segundo os médicos-higienistas.

Pensando nisso, os médicos-higienistas propunham que hábitos cotidianos como: cuidado com o corpo, com os alimentos e com o bem estar, praticados na escola, estariam arraigados e utilizados no dia-a-dia da criança. A escola seria o espaço onde as crianças estariam a maior parte do tempo. Não era concebido crianças nas ruas, perambulando, sem o que fazer. Não havia lugar para aquelas que vagavam em contato com o crime, ociosas sujeitas a mendicância. Isso tudo traria um sinal de atraso para uma cidade que caminhava em busca da civilidade.

Era assim o controle do Estado frente às situações que poriam em risco o bem estar na cidade.

Foi a partir deste pensamento, que novas práticas de saúde se fizeram necessárias. Em um momento onde doenças infecciosas como a malária, febre amarela, e a tuberculose acometem os sujeitos da cidade, era preciso pensar formas de inibir e prevenir de forma profilática essas doenças.

A Higiene entra em cena. Com o intuito de difundir os saberes científicos à população, de forma prática, e de rápido entendimento, chegando em cena como meio eficaz de proliferar os hábitos de limpeza, de cuidado com o corpo e com a prevenção das doenças das mais variadas que assolavam a população nesse tempo. A Escola Normal deveria constituir-se como espaço em que as práticas higiênicas estariam sendo proliferadas, sendo assim, a Higiene é instituída como disciplina escolar, inclusive como disciplina ensinada nas Universidades da Bahia e do Rio de Janeiro. Teses foram, desde meados do século XIX, defendidas sobre a temática. Em 1912, a Tese intitulada *Hygiene Escolar*, pelo Dr. Carlos Alberto Duarte Pereira, apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 12 de março de 1912, na cadeira de Higiene.

Em sua estrutura geral, a Tese pretendia discorrer sobre a importância de se observar os aspectos relacionados à higiene do espaço, dos sujeitos e do ambiente escolar, apreciando, especialmente os cuidados com a alimentação, a educação física e intelectual e os principais problemas que acometiam à infância na escola. Para isso, o autor desenvolve vinte e três pontos, a saber: terreno, casa, sala escolar, cubagem do ar, ventilação, luz, luz artificial, latrinas, mobílias, dormitórios, enfermarias, livros, alimentação, educação “physica”, “hygiene intellectual”, molestias escolares, bócio, dores de cabeça, desvio da “columna” vertebral, surdez, tuberculose pulmonar e escrofulose e constipação do ventre (PEREIRA, 1912, passim).

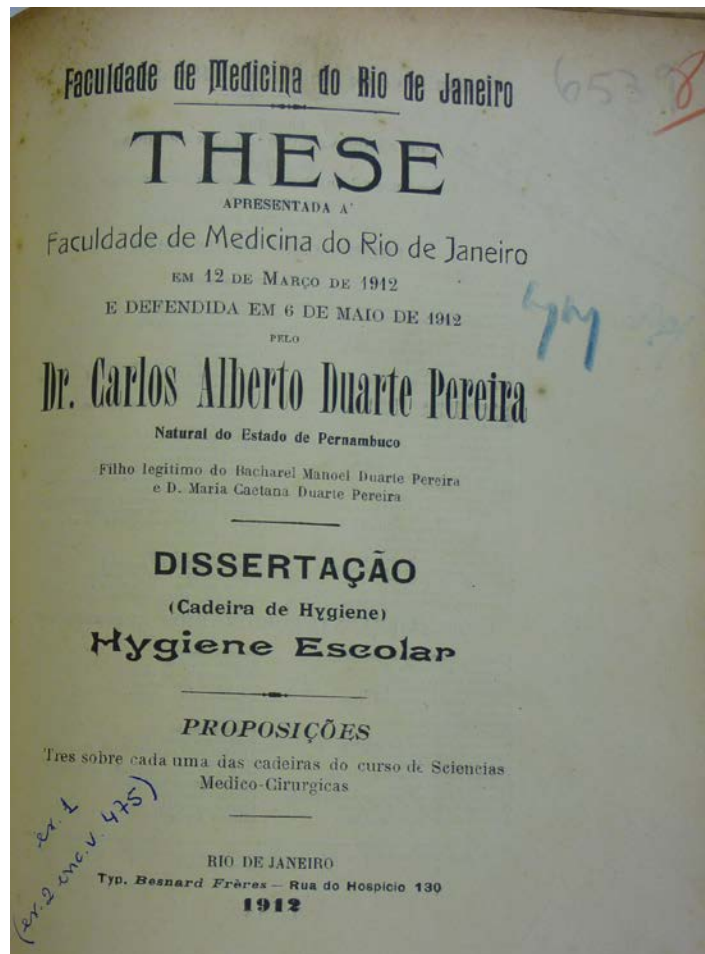


Imagem 1: Capa da Tese Médica de 1912

Autor: Dr. Carlos Alberto Duarte Pereira

Acervo: NIPHEI/LIEPHEI.

A partir da análise da Tese, pode-se identificar a preocupação do médico em definir os aspectos que influenciavam a higiene do ambiente escolar e a propagação desses hábitos higiênicos no seio familiar. A concepção expressa pelo Dr.º Carlos Pereira expressa uma visão de higiene escolar presente na sociedade da época, bem como o cuidado dos médicos em esquadriñar os mínimos detalhes relacionados ao ambiente, aos elementos relacionados à prevenção e, por outro lado desenvolver um esforço concentrado em combater o que identificavam como a falta de higiene dos ambientes e dos indivíduos. Com este intuito procuravam atuar no sentido de orientar na adoção dos preceitos higiênicos, bem como nos procedimentos, inclusive nas condições adequadas para a escolha do terreno em que se edificaria o prédio escolar:

O primeiro problema a resolver, quando se projecta a edificação de um predio escolar, é a escolha e a preparação do terreno. Não é, como muitos presumem, de somenos importancia a solução deste primeiro ponto de Hygiene Escolar: "lui donner une solution entièrement favorable", diz o notavel architecto Feliz Marjoux, "est une entreprise aussi importante que difficile" (PEREIRA, 1912, p. 15).

Assim, a concepção de higiene escolar defendida pelo Dr. Carlos Alberto Pereira era a de que por meio de prescrições higiênicas poderia se traçar um plano de ação sobre o ambiente escolar, que deveria orientar de maneira apropriada o ensino das crianças. Para ele, a escola tinha de estar apta para receber as crianças, configurando-se como um espaço higiênico. Todos os aspectos deveriam ser observados, inclusive o mobiliário escolar, que deveria estar ajustado ao tamanho das crianças, para que nesses espaços elas pudessem desfrutar de conforto e higiene necessários para a aprendizagem e o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual e moral.

Esta associação entre educação e higiene escolar encontrou referência no esforço realizado por diferentes intelectuais brasileiros no sentido de se alcançar o progresso da nação. Nesse contexto, a imagem do País que se projetava era de uma nação que deveria se constituir a partir do ideal de infância educada, limpa e higiênica. A escola, por outro lado, teria a tarefa de propagar as noções e hábitos saudáveis. Além disso, o Dr. Carlos Pereira estava preocupado com o aspecto físico do alunado, quanto à postura e a saúde física dos corpos e do bom desenvolvimento intelectual da criança, afirmava que:

Os antigos systemas de mobílias, ainda usados nas escolas do interior de nossos Estados e em muitos collegios da Capital têm os seguintes defeitos: grande distância entre o banco e a carteira, o que obriga os meninos a curvarem-se, quando escrevem; provindo dahi a compressão do thorax, a inclinação da columna vertebral e o futuro desvio della. Uniformidade na altura dos bancos e carteira, não levando em linha de conta os tamanhos nas diversas edades (PEREIRA, 1912, p. 40).

Desta forma, percebemos o quanto os saberes dos médicos pretenderam incorporar e divulgar os conhecimentos científicos de forma mais simples. Podemos

dizer que aí se deu a vulgarização dos conhecimentos científicos, mas também a naturalização dos hábitos propostos pela higiene. Através da escola o que se esperava era atuar sobre as famílias. No entanto, as condições e normas defendidas pelos médicos direcionavam-se ao governo, aos professores e à sociedade em geral. Através de alocações e discursos proferidos pela mídia da época, esperavam ganhar espaço na sociedade propagando, cada vez mais, os saberes médicos para a população em geral, desta forma disseminando o conhecimento científico.

A Higiene, como ramo da medicina, foi defendida como elemento importante na imposição de “regras” relativas ao modo de vida e aos cuidados sobre a habitação, a alimentação, o modo de vestir, de dormir e de educar a infância. Fenômenos escolares passaram a ser apreciados à luz dos conhecimentos médicos, sendo a escola concebida como espaço e lugar não somente de adoção e materialização de práticas racionais, mas também como disciplina escolar fundamental na formação de hábitos saudáveis e específicos sobre o corpo e seu funcionamento, as condições de saúde, os tipos de vestimenta, a higiene da casa, os exercícios físicos, o trabalho, a vida na cidade e no campo, as doenças e as suas formas de prevenir, cuidar e sarar (CAMARA, 2011, p.5 e 6).

Segundo Camara (2011), podemos observar que através das regras, das normas de conduta e de moral e dos hábitos higiênicos, os médicos prescreviam modelos a serem seguidos pela sociedade em geral. A partir destes aspectos, podemos perceber a ação conjunta da higiene e da eugenia, regulamentando as formas de viver da população urbana, que incluía a organização das casas, do meio ambiente e das cidades, associando o saber médico ao jurídico. Com base na interpretação eugênica, tendeu-se a pensar a partir da questão biológica, como afirma Marques (1994, p.32), de duas maneiras: sobre o corpo pensado como máquina, utilizando o seu potencial físico e sobre o corpo-espécie, com controles reguladores de processos biológicos como: natalidade, longevidade, mortalidade e expectativa de vida. “A eugenia apresenta-se como dispositivo dessa tecnologia de duas faces que disciplina a máquina e depura a raça” (MARQUES, 1994, p.32).

A partir destas compreensões, os intelectuais começaram a formular uma concepção de infância pautada no abandono, na criminalidade, na:

“exploração [...], nos subempregos, na prostituição, na mendicância, no próprio seio familiar, compunha um cenário nefasto e

entristecedor que impulsionava as crianças a ingressarem, compulsivamente, no mundo da delinquência e do vício” (CAMARA, 2010, p. 40).

Ingressar no mundo civilizado incluía deste modo, a estruturação de mecanismos e de instituições apropriadas que, embasadas em parâmetros científicos e racionais, pudessem compreender e atuar sobre os fatores que corroboravam para a situação de abandono, analfabetismo, mortalidade e vadiagem em que se encontrava a infância pobre. Ecléticos quanto aos referenciais de análise, esses intelectuais cindiram em suas intervenções concepções teóricas que os ajudaram, a partir de lentes “científicas”, “ler” os indivíduos e os fatores que implicavam em sua degeneração e doença.

Desta forma, o desenvolvimento das Teses médicas abarcavam mais do que o esforço de teorização. Elas tinham o intuito de mostrar à importância dos saberes médicos na prescrição de condutas e na organização dos espaços. No que concerne às escolas além de prescrever medidas, estabeleciam parâmetros organizadores do espaço da escola, da construção arquitetônica dos prédios, das práticas a serem promovidas pela escola, da higiene dos corpos e dos espaços. Enquanto disciplina escolar a higiene era proposta na perspectiva de trabalhar noções de higiene, propostas de limpeza, bons hábitos, profilaxia de moléstias que acometiam as crianças, e mais do que isso movimentar e mobilizar os professores para o papel que deveriam assumir em defesa da educação da criança.

Com isso, podemos perceber pontos em comum entre medicina e educação, o que configura a escola como lugar de educação da infância, contribuindo para um projeto de intervenção na sociedade. Segundo Camara (2013), pensar sobre as formas como o saber médico concebeu a escola e atuou sobre ela, podem contribuir para entendermos como os diferentes saberes, tanto médico, como pedagógico, assim:

“[...]instituíram interfaces e perfis que contribuíram para a formulação de condicionantes acerca dos contornos e perspectivas das crianças identificadas como normal e anormal na escola, bem como para além da escola. Nesta perspectiva, a arte de cultivar crianças envolvia a observância dos preceitos científicos e higiênicos no cuidado físico, intelectual e moral da infância” (CAMARA, 2011, p.12).

Vemos então, como se deu a inserção dos saberes médicos nas escolas e como isso se ampliou, no sentido do seu poder de alcance sobre as pessoas. Através dos Congressos sobre a infância, podemos perceber a troca de saberes, de ideias e as redes de sociabilidade constituídas entre os intelectuais envolvidos com a causa da infância, especialmente dos médicos.

Desta forma, o olhar médico investido da “competência” científica que lhe foi conferida, buscou o patológico como problema e mobilização para as iniciativas de intervenção. Examinar, diagnosticar, prever e cuidar fazia parte do repertório de ação dos intelectuais envolvidos com a promoção de um processo educativo e regenerador da sociedade.

Sendo assim, a medicalização da sociedade ganha grande destaque a partir de meados do século XIX, como estratégia de intervenção dos médicos, na família e no Estado. A chamada medicina social, foi adotada para ajudar na coordenação dos projetos de urbanização, acarretando uma mudança na vida da população em geral. Como nos diz Camara:

Se no Brasil, a partir de meados do século XIX, a medicalização da sociedade configurou-se como estratégia de intervenção acionada pelos médicos nas relações com a família e o Estado; a medicina social foi o modelo adotado para subsidiar e coordenar os projetos de transformação do espaço urbano e, por conseguinte, da vida social (CAMARA, 2011, p.6).

Para que a escola tivesse a centralidade na difusão dos conhecimentos científicos, tanto os médicos, como os professores assumiram papéis primordiais. O médico, através de seus estudos e conhecimentos repassava aos professores, maneiras de como prevenir doenças, como cuidar do corpo, o que hoje em dia conhecemos como hábitos de higiene. E o professor, assumiu o papel de difusor desses saberes, a ele caberia levar aos alunos os conhecimentos e os hábitos que usariam em sua vida diária, e não só eles mas seus familiares, com isso divulgando os conhecimentos científicos, repassados para a escola, de maneira mais simples.

Capítulo II

A higiene na escola: Prescrições sobre higiene para os alunos

2.1- Escola como lugar: disseminação dos discursos higienistas

Constituir a escola como signo da civilização e do progresso. Organizá-la como espaço da ordem e da disciplina, pela prescrição de uma nova economia do corpo e dos gestos, de formas racionais de empregar o tempo, ocupar o espaço e gerir o trabalho pedagógico. Dotar a instituição escolar de uma organização calcada nos ideais de racionalidade e previsibilidade, configurá-la como espaço que, em tudo, se diferenciava do espaço doméstico. Consubstanciá-la, enfim, como instituição disciplinar. Eis alguns dos intentos a que se lançaram os intelectuais do período (ROCHA, 2000, p.2).

A escola no início do século XX, foi lugar onde os médicos encontraram a possibilidade de fazerem ecoar seus discursos. Para eles a escola era o espaço ideal para que medidas e hábitos fossem propagados para o restante da população, como base para a formação de uma nação higiênica. Pensar a escola neste tempo é perceber suas fragilidades, reclamada pelos médicos com relação à sua estrutura física, seus mobiliários, sua iluminação e circulação de ar. Sem que estes aspectos fossem repensados, a escola seria o lugar ideal para a contaminação, a proliferação e o contágio de doenças infecciosas.

Nesta perspectiva, os médicos elegeram a escola como *locus* onde as experiências advindas dos estudos, inclusive de países estrangeiros, pudessem ser apreendidas e divulgadas através dos alunos. “A escola, entendida como o lugar por excelência para o ensino dos saberes pertinentes para a vida em sociedade, entre eles o saber da higiene, também foi alvo das prescrições médicas” (BEZERRA, 2013, p.87).

No Brasil, uma evidência se mantém nas primeiras décadas do século XX: os médicos consideraram a escola o *locus* educativo por excelência, concebendo a educação de jovens e crianças como aquela que produzia os melhores resultados, mais intensos, arraigados ao próprio modo de ser e de se portar do indivíduo. Por isso, dirigir às crianças e aos adolescentes a educação, e aos adultos, a assistência (STEPHANOU, 2006, p.35).

Vista como um laboratório, a escola se torna lugar de experiências práticas onde modelos educacionais foram repensados e a formação dos professores foi reestruturada para formar cidadãos higienizados e sadios. Não era possível pensar

em higienizar os corpos, sem antes reorganizar os espaços e promover o bem estar daqueles que a frequentavam.

“A escola foi *locus* privilegiado dessas prescrições, local onde a higiene formatou propostas de construção de modelos educacionais, formação de professores, inspeção de alunos e de organização de espaços e equipamentos, objetivando a formação de novos e higienizados cidadãos” (LAROCCA; MARQUES, 2010, p.648).

Desta forma o ensino da higiene nas escolas se tornaria produtivo, pois “(...) criaria hábitos, multiplicaria práticas higiênicas, chegaria às famílias através dos estudantes. A escola emergiria, então, como *locus* irradiador, cumprindo um importante papel social no combate à ignorância e na promoção da saúde” (STEPHANOU, 2006, p. 35). Pensar nas influências da ciência médica nas escolas, lugar ocupado por professores, educadores e pedagogos, pressupunha eleger a Higiene como meio pelo qual os avanços científicos seriam propagados e difundidos.

Os médicos higienistas elaboravam formas de prevenir doenças contagiosas, discutir a necessidade do bem estar do aluno, propor mudanças de hábitos tanto dos professores, quanto dos alunos. Começaram a levar para a escola novidades que a Medicina propunha para que muitos aspectos fossem percebidos para obterem uma sociedade saudável, como: o lugar de instalação de um prédio escolar, a postura adequada dos alunos nas aulas, os períodos de descanso e a prevenção de doenças.

A referência aos avanços da ciência médica e suas contribuições para dotar a educação de mais eficiência e sintonia com as urgências de seu tempo instala uma efervescência de discussões inéditas em torno da missão educativa da medicina e do estatuto científico da pedagogia. Sugerindo, indiretamente, uma espécie de arcaísmo da pedagogia, de seus métodos e resultados, a medicina propunha uma subordinação da pedagogia à higiene, representando esta a supremacia da ciência (STEPHANOU, 2006, p. 35-36)

Segundo Bezerra (2013), a educação higiênica tinha como objetivo modelar o corpo infantil, eliminando as atitudes que seriam viciosas, os maus hábitos, criando outros que seriam levados por toda a vida. Seria ingênuo pensar que a forma como a higiene era repassada aos alunos, ficaria atrelada apenas ao ambiente escolar, muito pelo contrário, o intuito era divulgar e prescrever esses saberes fazendo com que chegassem até as casas dos alunos sendo inseridos em suas rotinas. Desta

forma, podemos ver que a higiene atingiria os espaços sociais e a vida particular dos indivíduos, através deste tipo de educação os alunos seriam capazes de reconhecer ambientes higiênicos ou não, fazendo com que suas casas fossem limpas iguais às escolas.

A escola, como instituição a quem cabia o papel de educar as crianças, deveria aplicar a racionalidade médica em todos os âmbitos, tanto em relação ao espaço físico quanto às práticas educativas. Dessa forma, a comparação que o aluno faria entre sua escola e seu lar o levaria a repassar para seus pais as condutas ideais para a formação de um lar sadio (BEZERRA, 2013, p.88).

Neste sentido, não podemos deixar de privilegiar a ação do professor como principal propagador dos ideais higiênicos propostos pelos médicos. Do professor esperava-se “(...) um olhar mais biológico sobre a educação das crianças, entendendo este processo como responsabilidade que extrapolava os muros da escola” (PAIVA, 2002, p.41). Devido a isto, se deu a preocupação de fazer chegarem à Escola Normal manuais com noções sobre higiene.

O professor, neste sentido, agiria onde o médico não teria mais autoridade, em sua sala de aula. Podemos imaginar que além de educar moralmente, o professor seria um agente difusor de hábitos saudáveis. Através do ensino de práticas e com os exemplos que deveriam partir principalmente “(...) dos mestres, as lições de higiene concebidas no ambiente escolar contribuiriam para convencer as crianças acerca do valor inestimável da saúde e sua ideia como o maior patrimônio a ser zelado” (PAIVA, 2012, p.39).

Catalisado por um discurso científico e racional, o papel dos professores primários dos “novos tempos educacionais” se expressava por um olhar mais investigativo sobre aqueles que tinham sob sua tutela. Neste sentido, a palavra impressa assumiu notável função, ao pretender instruir e educar higienicamente professores e alunos, subsidiando o ensino da Higiene nas escolas normais (PAIVA, 2002, p.38)

Desta forma, os saberes ensinados pelos professores passariam de conteúdos, para se tornarem práticas recorrentes, das quais os alunos se lembrariam em todos os lugares que estivessem, práticas como o ato de lavar as mãos, tomar banho, não cuspir no chão, etc. Os professores teriam de vigiar e controlar os alunos, no sentido de fazerem repetir hábitos higiênicos. “(...) A prática docente passava a ser pensada a partir de parâmetros científicos, por meio dos

quais se procurou demarcar limites, inclusive, entre pedagogia e higiene” (PAIVA, 2002, p.41).

[...] Pelo exemplo e a repetição contínua de ações, acreditava-se que os preceitos da higiene passariam do consciente para o inconsciente, transformando-se, dessa maneira, em um sistema de hábitos. Neste processo, a intervenção do professor, mormente pela vigilância das atitudes de seus alunos, constituía-se como fundamental (...) (PAIVA, 2012, p.39).

Podemos, através destes estudos perceber o papel social da escola neste período, operando como divulgadora dos estudos das mais diversas áreas das ciências, Medicina e Biologia, por exemplo. Sendo ela limpa, higiênica e formadora de hábitos saudáveis serviria de exemplo para todas as outras instituições que se erguiam naquele tempo. Seria um local de excelência para os estudos dos cidadãos que estariam ocupando cargos e profissões nas mais diversas áreas da sociedade.

A investigação das estratégias por meio das quais se deu essa intervenção, no bojo de um amplo projeto de moralização e regeneração da população, consiste em uma via privilegiada para a compreensão da produção social da escola, na medida em que oferece elementos para pensar sobre como aspectos significativos da cultura escolar foram se constituindo, na interseção de uma pluralidade de saberes que postularam o poder da ciência na configuração de um novo modelo escolar, alicerçado em padrões de eficiência e racionalidade e, ao mesmo tempo, de uma pluralidade de dispositivos que visaram conformar a escola a esses padrões (ROCHA, 2000, p.2).

Desta forma, a escola foi tida como lugar privilegiado onde se encontrava grande número de indivíduos capazes de fazerem repercutir para o restante da população os ideais higienistas em voga. Desta maneira, a formação de professores deveria contar com meios, neste caso os manuais que trariam noções específicas de higiene fazendo parte de um projeto de civilização e progresso da sociedade brasileira.

2.2- O advento da ciência e a proliferação de discursos médicos nas escolas

[...] Classificar e ordenar foram palavras que assumiram importância no interior dos discursos científicos que procuravam pensar o país a partir da percepção das teorias que germinavam em diversas partes do mundo. Desta feita, o Brasil, posto como um país doente, tornava-se um “laboratório” no qual se procurava investigar as causas de um suposto atraso, a partir dos traços biológicos dos que o habitavam. Ao lado disto, o investimento na educação higiênica da população constituía-se uma tentativa de amenizar a força da imposição das leis e decretos, intentando estimular a conscientização da população acerca dos benefícios da adoção de hábitos sadios (PAIVA, 2012, p.29- 30).

O início do século XX foi marcado pelos discursos dos médicos-higienistas que atuaram tanto na esfera pública, quanto na privada. No esforço de expandir e propagar os conceitos higiênicos os médicos elegeram o espaço da escola, visto que até então ela era em casas que não oferecia comodidade aos alunos, era precária no abrigo de luz e ar, não tinha um número de janelas adequadas e não contavam com mobiliários adequados.

Neste intuito prescrever medidas e formas adequadas de se conceber o espaço escolar seriam necessários para se ter uma escola higiênica. Os médicos começaram a se preocupar com a escrita de manuais e compêndios para as escolas, visto que os discursos higiênicos e eugênicos ganhavam força no Brasil. Com o vislumbre da ordem e do progresso esses médicos discutem as questões que vão mobilizar os intelectuais da época.

Com os avanços da ciência, esses discursos ficaram cada vez mais recorrentes, assim como a tentativa de explicar os problemas do país a partir dos aspectos físicos e raciais para melhorar àqueles que eram vistos como inaptos ao avanço do Brasil. Sendo assim, a educação foi um dos meios pelos qual essas intervenções foram feitas.

Tais compêndios escolares de higiene foram publicados em contexto nacional e internacional, nos quais os movimentos higienista e eugenista ganhavam força discursiva nos meios educacionais. No Brasil, a tomada como matriz do princípio biológico da vida

perpassava a discussão acerca dos rumos do país e, embora guardando especificidades teóricas, eugenia e higiene requisitavam a regeneração integral dos indivíduos. Buscava-se, a um só tempo, explicar os problemas do país, a partir de suas qualidades raciais, e investir no aperfeiçoamento daqueles que não correspondiam aos ideais de uma nação supostamente sadia física e moralmente. A “atitude científica” já assumida desde o século XIX para pensar os problemas do país atravessou algumas das representações sobre a sociedade brasileira e, inclusive, a educação (PAIVA, 2012, p.29).

Desta forma, a campanha higiênica ganha espaço na cidade do Rio de Janeiro, seja através de manuais e livros voltados à escola, seja através da imprensa em geral. Juntamente com as novidades que o meio científico traria como a descoberta de vacinas e a lei obrigatória de vacinação para combater a disseminação de doenças contagiosas.

A produção não apenas dos compêndios escolares, mas, de modo geral, de impresso voltado para a veiculação da campanha higiênica encontrou esteio no contexto social que se configurava no limiar do século XX, no Rio de Janeiro. No ano de 1904, a capital do país era agitada pela insurreição popular em resistência à lei da vacina obrigatória. Inaugurava-se o novo século com a convulsão de uma população que, tendo a intimidade desvelada e invadida, reagia contra o que afetava não apenas o físico, mas os princípios daqueles que acreditavam, por exemplo, que a exposição de determinadas partes do corpo feria a decência (PAIVA, 2012, p.30).

Segundo Paiva (2012), era necessário estimular a consciência sanitária da população devido às várias transformações pelas quais a cidade passava. A população vivenciava tudo sem entender os acontecimentos que iam buscando modificar seu modo de vida, a exemplo disso, podemos citar a resistência à vacinação obrigatória. Este movimento se deu por meio de leis e decretos, mas para além disso, “[...] A palavra impressa, associada às palestras e filmes educativos, cumpriria importante função neste propósito” (PAIVA, 2012, p. 30).

Desta forma, diversos médicos foram responsáveis por escrever obras sejam em forma de manuais, compêndios e livros. Assumindo a missão de propagar, divulgar e eleger assuntos dos mais diversos e importantes se tratando da higiene do corpo e cuidados com a saúde, que naquela época eram necessários aos

saberes de um indivíduo saudável. Alguns desses manuais, foram endereçados à Escola Normal, como é o caso do *Noções de Higiene*, ao qual trabalharei no próximo capítulo.

O impresso escolar (seja do tipo compêndio, manual, livro escolar, de texto, ou didático) tem a característica de apresentar aos seus leitores os conhecimentos que, em determinada época, são elencados como necessários à formação básica do indivíduo. No caso dos compêndios de higiene endereçados aos professores primários em formação, a característica digna de destaque é a modulação pela qual passam os discursos que estes objetos dão suporte no sentido de reunir noções elencadas como úteis à formação destes sujeitos (PAIVA, 2012, p.35).

Podemos pensar que a Higiene como ramo da Medicina assumiu papel importante no intuito de propagar os discursos higienistas, podendo chegar de forma mais amena, e simples ao restante da população, através da explanação dos alunos das escolas que a tinham como disciplina. Podemos perceber o esforço dos médicos em adaptarem suas falas ao público específico, no caso do manual que trabalharei, às futuras professoras da Escola Normal.

[...] Um dos capítulos da medicina, a higiene recebeu nestes compêndios contornos pedagógicos, intentando adequar-se ao seu público-leitor, instruindo e educando higienicamente os futuros mestres. Neste sentido, também é interessante observar como o próprio uso do termo “noções” é feito nestes compêndios, com o intuito aparente de tanto reforçar a ideia da função elementar que estes textos cumpririam – eximindo-se do compromisso com uma exposição aprofundada do conteúdo – bem como de, direta ou indiretamente, classificar seu público-leitor pela forma como o texto é apresentado, numa exposição sumária. Para os futuros mestres eram necessárias apenas “noções”, conquanto a higiene tenha sido colocada como essencial à prática docente (PAIVA, 2012, p.35).

Pensando na produção de obras referente à Higiene Escolar, uma das perguntas que nos havia sido recorrente era: Como os ideais higienistas adentravam as escolas de formação de professores? Percebemos que através dos manuais escritos pelos médicos higienistas, esses ideais chegavam até as escolas para criar novos hábitos, tornando o professor propagador desses ideais e a escola um lugar por excelência para divulgar os discursos dos médicos.

[...] No caso específico daqueles endereçados aos professores primários, ao compendiar normas elementares para a manutenção de uma vida saudável, os textos pretendiam, a um só tempo, instruir os futuros mestres sobre as doutrinas que envolviam o ensino da Higiene nas escolas primárias e educá-los para que, exercendo a auto-vigilância, tornassem-se bons exemplos para aqueles que eles tinham sob sua guarda. Acreditava-se, especialmente, que as noções de higiene chegariam aos lares através dos pequenos, portanto o investimento na educação higiênica no âmbito escolar era posta como imprescindível (PAIVA, 2002, p.40)

Através dos estudos e pesquisas realizados tivemos contato com teses escritas por médicos como trabalho final da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Faculdade de medicina da Bahia, a exemplo da tese intitulada: *Higiene Escolar*, escrita pelo Dr. Carlos Alberto Duarte Pereira, em 1912. Nestas teses vimos que a linguagem usada era mais rebuscada, com conceitos e citações estrangeiras. Sendo assim, não alcançavam o que os higienistas previam, que era formar professores de acordo com os conceitos que os higienistas traçavam para as escolas.

A profilaxia e os hábitos higiênicos deveriam adentrar a escola e formar um professor que seria além de tudo um propagador da Higiene Escolar. Vimos então, que através de manuais escritos pelos próprios professores das escolas normais, como no caso de Afrânio Peixoto, isso seria possível. Os conceitos trazidos pelos manuais ganhariam também o campo escolar como propagador e difusor das ideias higiênicas.

Temos aí os princípios higiênicos penetrando no cotidiano escolar através dos manuais que faziam parte da formação de uma população de almas ingênuas, a infância dócil imaginada pelos médicos higienistas. Aos professores primários, gentes formadas nas escolas normais, um cabedal de conhecimentos científicos foi concedido a fim de “dilatara o seu campo intelectual” e, por meio disto, ser capaz de conduzir adequadamente a infância sob sua tutela. Os manuais de higiene também chegaram a estes professores em formação nas escolas normais e o exame dos mesmos é um exercício interessante para a aproximação com as representações forjadas acerca do professor primário (PAIVA, 2011, p.6 e 7).

A escrita de manuais pelos próprios professores podia não ser prática comum, mas foi uma experiência de uma parte significativa de intelectuais do período, pois poderiam usar em suas disciplinas que lecionavam nas escolas de formação de professores. “A produção e circulação de manuais de higiene voltados

para a formação de professores foi um mecanismo acionado pela ordem médica para divulgar a “arte de conservar a saúde” (PAIVA, 2011, p.8). Com o intuito de preencher as escolas das mais variadas novidades do ramo da Higiene era preciso:

“[...] Dotar as escolas normais e institutos de educação de um livro com ideias e conhecimentos eleitos úteis a proteção e ao bem da saúde era expressão de amor à pátria, como afirmavam Afrânio Peixoto e Graça Couto no prefácio de *Noções de Hygiene*, em 1914” (PAIVA, 2011, p.8).

Podemos pensar com isso que este era um mercado promissor, pois através de seus livros os ideais de higiene desses doutores adentravam as escolas e eram difundidos pelos alunos. Além disso, a prática de escrever esses manuais nos permite pensar nos modos como esses professores se inseriam neste mercado que aparentava ser promissor “(...) como é o escolar, e, possivelmente, a garantia de sua permanência quando os livros publicados passam a ser adotados nos programas escolares” (PAIVA, 2011, p.3). Tornando assim possível um maior aproveitamento dos conceitos trazidos nos livros pela expansão de seus ideais para o restante da Juntar. Segundo Paiva (2011), O livro *Noções de Hygiene* foi adotado em 1935 no programa de ensino da disciplina de História da Educação que Afrânio Peixoto, um dos seus autores, lecionava no Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Capítulo III

As Noções de Higiene e sua perspectiva na escola

3.1- O Livro “Noções de Hygiene”: concepções acerca da Higiene

Tomamos como fonte primária o manual escolar: *Noções de Hygiene: livro de leitura para as escolas*, escrito por Dr. Afrânio Peixoto e Dr. Graça Couto, ambos envolvidos com a educação higiênica. Publicado pela primeira vez no ano de 1914, pela Editora Francisco Alves & Cia, impresso em Paris na Tipografia Aillaud, Alves & Cia. Segundo Rocha (2000) esta edição teve 3.200 exemplares.

No âmbito da historiografia da educação, o manual, o livro, o tratado têm comparecido como promissoras fontes de investigação. Por um lado, permitem aproximações em relação à ordem do discurso formulada por agentes em exercício no campo educacional. Por outro, favorecem interpretações que dizem respeito aos dispositivos materiais nas múltiplas configurações pelas quais são agenciados. Dentre as possibilidades de investigação já mapeadas na área, elementos relativos à produção assim como à circulação desse tipo de impresso podem indicar outros vestígios, de modo que os pesquisadores considerem de forma ampliada as coordenadas da categoria de análise designada na historiografia por cultura escolar (SILVA; PAIVA, 2012, p.135).

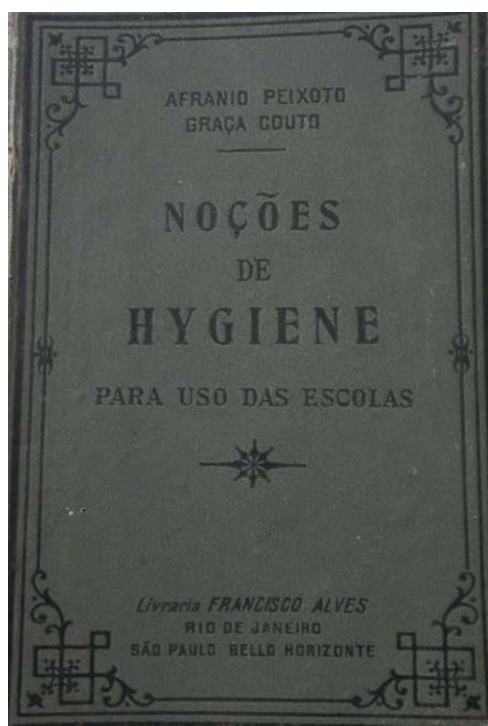


Imagem 2: Capa do Livro Noções de Hygiene

Autores: Afranio Peixoto e Graça Couto

Data: 1914.

Acervo: NIPHEI/LIEPHEI

Os autores da obra, tanto o Dr.^o Afrânio Peixoto, como o Dr.^o Graça Couto foram pessoas envolvidas com aspectos relacionados às questões de higiene e saúde. No momento de publicação da obra, além de médico Afrânio Peixoto era Professor da disciplina Higiene na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e o Dr.^o Graça Couto era Diretor dos Serviços de Profilaxia e Desinfecção e Diretor geral interino da Saúde Pública do Rio de Janeiro.

Para buscar compreender os ideais higienistas em voga neste período, analisaremos as propostas descritas no manual produzido por Afrânio Peixoto e Graça Couto, em 1914. A obra é apresentada, como a primeira no gênero. Veremos como eram colocadas, a questão da higiene para os alunos e para os professores, como eram pensadas as representações de prédio escolar, como era concebida a infância, bem como o papel da higiene nas práticas escolares, análise esta que nos ajuda a conceber o papel do discurso médico higienista e a associação da escola com a modernização pela qual a sociedade deste período passava.

Dentre os aspectos contidos no livro, podemos citar como ideias centrais: o patriotismo, a profilaxia de doenças, as críticas às formas de ensino, a alusão a Países da Europa e da América do Norte, e a expansão do pensamento higienista, que estava em busca de espaço nas escolas do Distrito Federal. Este manual, se baseava no *Compêndio de higiene*, também de autoria de Afrânio Peixoto, que havia sido publicado como parte do *Tratado de Medicina Pública* destinado à formação de futuros médicos da Faculdade de Medicina.

Para pensarmos o manual como fonte primária interessa-nos fazer um recorte que nos faça pôr luz às estratégias pensadas para a higienização da escola “(...) elaboradas pelos médicos-higienistas, nesse momento em que as exigências de universalização do ensino primário colocam em pauta a necessidade de configuração de uma organização pedagógica racional” (ROCHA, 2000, p. 2). Procuramos identificar como os saberes médicos chegavam à escola conformando seus discursos em práticas pertinentes.

O manual se divide em quatro partes. A primeira parte vai falar sobre o corpo humano e seu funcionamento: aspectos anatômicos e fisiológicos. A segunda parte trata das condições gerais de saúde falando da terra, do ar, etc. A terceira parte trata

das condições especiais de saúde vai falar da educação, do exercício, do trabalho, etc. E a quarta parte fala sobre os agravos à saúde e meios de os evitar, tratando sobre acidentes, doenças e profilaxia. Há de se levar em conta que tirando a primeira parte “(...) a estrutura do manual é semelhante à do compêndio de Higiene, de autoria do Dr. Afranio Peixoto, cuja primeira edição foi publicada em 1913, como parte do *Tratado de medicina pública*” (ROCHA, 2000, p.3).

Destinado à formação dos futuros médicos, o compêndio foi saudado por professores da Faculdade de Medicina, à época do seu aparecimento. Dr. Rocha Faria, por exemplo, dedicou-lhe as seguintes palavras, publicadas no *Jornal do Commercio*: “Essa obra é um excelente compendio dos conhecimentos fundamentaes e indispensaveis de higiene moderna e vem prestar-vos assignalado serviço no estudo que agora empreendeis e, a todo o tempo, na vida profissional, vos será de bom auxilio” (ROCHA, 2000, p.17).

Ao adentrarmos nessa obra, logo em seu prefácio, identificamos aspectos marcantes do pensamento destes médicos para este período em que o Rio de Janeiro passava por diversas transformações, sendo estas de origem social, cultural e econômica. Para início de conversa os autores trazem, logo no prefácio, o conceito de Higiene:

A HYGIENE, estudo da saude e dos meios de lhe obter a conservação, constitue, de ha muito, e cada vez mais, uma preocupação dos governos, das corporações docentes, dos pedagogos. Todos estão convencidos de que, em tempo, se obtem facilmente da educação popular o que, a más horas, não se consegue mesmo da medicina, ainda tão deficiente e, por vezes, incapaz. Já passou em proverbio que é melhor prevenir do que curar. Sobretudo, é mais facil, pois certamente é possível, emquanto que a saude perdida nem sempre se recupera, em bora a custo de soffrimentos e dispendios (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.5).

Este conceito da Higiene logo no início do manual nos remete à importância em divulgar esta nova ciência, que juntamente com a Medicina estaria ganhando o espaço da escola. O discurso dos autores “[...] volta-se para a persuasão do leitor em torno da importância da difusão das noções de higiene na escola primária, tomando como ponto de partida a afirmação do consenso entre governos, docentes e pedagogos” [...] (ROCHA, 2000, p.3).

Os autores trazem suas opiniões em relação a questões de âmbito social, dizem que se consegue da educação popular algo maior até mesmo do que a

medicina conseguia naquele tempo. Falam a respeito da profilaxia de doenças, neste momento, era algo a ser alcançado “melhor prevenir que curar”. Comentam que nos cursos primários, secundários e normais da Europa e da América do Norte, noções de hygiene eram dadas aos alunos como sequencia de estudos das “ciencias phisicas e naturaes”, sendo um complemento necessário dos livros de ensino dessas disciplinas, fato que não ocorria no Brasil.

E' por isso que em todos os cursos primarios, secundarios e normaes, da Europa e da America do Norte, noções de hygiene são dadas aos alumnos, como sequencia lógica do estudo das sciencias phisicas e naturaes. E' um complemento necessário dos livros de ensino dessas disciplinas (PEIXOTO; COUTO, 1914 ,p.5).

Desta forma, os autores buscam atuar a favor da profilaxia, que se destacava como forma de intervir nos corpos em prol da saúde, prevenindo doenças antes delas acometerem os indivíduos.

[...] Assim, elegendo parceiros, construindo consensos, os autores buscam legitimar a sua iniciativa, operando por meio de bipolaridades – prevenção e cura, Higiene e Medicina, o ideal da saúde plena e os sofrimentos decorrentes da saúde perdida [...] (ROCHA, 2000, p.3).

Os autores falam ainda sobre o esforço patriótico de dotar as escolas deste livro, pois propaga ideias e conhecimentos úteis sob o lema de resguardar a saúde.

Num país novo, em que tudo está quase por fazer, para a protecção dos que o habitam, para a confiança dos immigrants e capitaes que o procuram, pareceu aos autores esforço patriotico esse de dotar as nossas escolas de um livro que propaga idéas e conhecimentos uteis, em bem da saude. Elle preencherá uma lacuna sensivel, pois é o primeiro desse genero que se publica no Brasil: essa vanglória é compensada pela esperança de que o estímulo promova melhores, motivo de justas felicitações (PEIXOTO; COUTO, 1914,p.5).

Na primeira parte do manual, os autores falam sobre os elementos de saúde-corpo normal e funcionamento regular; noções sobre órgãos e funções do corpo humano. Subdividem esta primeira parte em duas outras partes: esqueleto e partes moles, onde falam basicamente sobre o esqueleto humano, os ossos e os músculos; e órgãos e aparelhos, onde falam dos órgãos do corpo humano, bem como das células e sistemas e aparelhos do organismo. Tudo isso com imagens ilustrativas.

Na segunda parte os autores falam sobre as condições gerais de saúde e subdividem esta parte em outras sete: I- A terra; II-A água; III-O ar; IV-Clima; V- A alimentação; VI- A roupa; VII- A casa. No tópico I falam do solo, quanto à sua formação, composição, configuração e saneamento do solo. Uma parte importante que revela dados sobre as doenças da época e trazem conceitos que derrubam outros antigos a exemplo dos miasmas, que eram meios pelos quais acreditava-se serem transmitidas algumas doenças.

Os pântanos são nocivos, não porque produzam miasmas, como se supunha outrora, mas porque são viveiros perigosíssimos de mosquitos, que, sem as águas, estagnadas, onde depõem os seus ovos e criam as suas larvas, não poderiam subsistir (PEIXOTO; COUTO, p.89).

Ora, os mosquitos são os meios de transporte e contaminação de varias doenças, capitalmente da malaria ou impaludismo e da febre amarella. Como, sem mosquitos, não haverá taes infecções, porque são elles que se infeccionando nos doentes conduzem os germens aos sãos, os quaes vêm a adoecer; como, sem águas paradas dos pântanos não haverá mosquitos, conclue-se que será ne- (fim da p. 89 e início da p. 90)-cessário o saneamento delles, na prevenção daquellas terríveis infecções (PEIXOTO; COUTO, p. e p.90).

No tópico II da segunda parte fala sobre a água, origem e composição. É subdividida por outros tópicos: Proveniência e captação das águas; Exame da água e Depuração das águas. Traz uma informação importante sobre obras de engenharia sanitária, como efeito das transformações realizadas na cidade do Rio de Janeiro.

[...] Obras de engenharia, mesmo rudimentares, de defesa, devem ser executadas para colectar e proteger a nascente (fig. 31). Nas immediações, num perímetro tanto mais considerável quanto mais importe o volume das águas, deve-se evitar a habitação humana e as incursões de animaes, capazes de damno, pelos seu dejectos e infecções.

As aguas de fontes, captadas nas montanhas ou declives originarios, ou nos cursos d'agua derivados, antes de qualquer contaminação possivel por percurso através de terrenos impuros ou relações suspeitas de vizinhança, constituem o melhor meio de abastecimento de agua ás populações.

E' o caso do Rio de Janeiro, especialmente depois da captação dos rios Xérem, Mantiqueira, S. Pedro, nas suas origens, por obras adequadas de engenharia sanitária (PEIXOTO; COUTO, p.105).

Em relação ao exame da água, os autores falam das preocupações dos higienistas daquele tempo,

“Os methods de exame, para a numeração dos germens, preoccuparam muito aos higienistas: multiplicavam-se os processos, enchendo os livros de conselhos, regras e calculos, para a colheita de amostra da agua a examinar, para a semadura nos diversos meios nutritivos, para a contagem das colonias, para o diagnostico das especies. Eivados de enorme artifício, esses estudos entraram em decadencia franca; delles fala-se ainda nos cursos de bacteriologia; raro alguém os pratica” (PEIXOTO; COUTO, p.114).

No tópico III da segunda parte fala sobre o ar e é subdividida em outros tópicos: Composição do ar, Elementos Normais e Propriedades Físicas da atmosfera.

Nas estradas é a terra solta e desagregada que se levanta ao menor sopro de vento ou passagem de vehiculo, em espesso turbilhão, chegando em contacto com os olhos, á bocca, á respiração dos indivíduos próximos e invadindo as habitações convizinhas, damnificando tudo e até a saude, se continuada a acção. Facilitadas as viagens pela tracção automovel, cuja velocidade é propicia á suspensão dessas poeiras, nas estradas muito transitadas ou incluídas em zonas populosas, o meio de lutar contra ellas solicitou a attenção dos higienistas. Em algumas occasiões, sempre que a conveniência justifica taes gastos, ensaiaram-se processos, como a irrigação pela agua, pela agua salgada, pelo petroleo, pelo alcatrão, cujos resultados não são ainda definitivos (PEIXOTO; COUTO, p.139, 140).

No tópico “Elementos normais”, a respeito do ar, os autores trazem novamente a questão dos miasmas, falando que livros antigos traziam este conceito, e que com o avanço da ciência, descobriu-se que eles não eram os causadores de doenças, falam da descoberta dos micróbios como os causadores de doenças e que em áreas habitáveis eles são mais numerosos.

Microbios. – Como todos os meios naturaes, a atmosphaera é rica de micróbios: os seus, porem, não lhe são proprios, mas oriundos do solo ou dos excreta dos seres vivos, suspensos no ar e arrastados por elle á distancia. Antes de scientifica, essa noção foi empírica, e exagerada pelo modo e pela ignorancia. Quase todas as doenças infecciosas supunham-se transmittir pelo ar e disso são vestigiosas designações de *miasma*, *mephitismo*, *gênio epidêmico* dos velhos livros: a transmissão ou contagio pelo ar era toda a epidemiologia. Depois os factos se precisaram e diminuíram de extensão,

reconhecida a infecção por outros meios. A razão é que se reconheceu terem os microbios no ar um meio de vida precario; falta-lhes ahi não só estabilidade, porque pelo peso tendem a cair sobre o solo, mas ainda nutrição, pela pobreza natural da atmosfera; a luz e a dessecação ambiente são condições notórias como bactericidas. Assim, o solo possui 100.000 vezes mais germens do que o ar; neste, elles são mais numerosos nos locais habitados, quentes, sombrios, mal ventilados do que ao ar livre; mais nas cidades do que nos campos; na superfície do chão do que nas camadas superiores; nas costas do que em pleno mar” (PEIXOTO; COUTO, p.141, 142).

No tópico IV da segunda parte do manual fala sobre o clima. Podemos observar que os autores contemplam a comparação do Brasil com o restante do mundo, falando da nossa higiene que realizava as aquisições da ciência contemporânea, com isso afirmam que o saneamento das casas é algo que já vinha sendo buscado pelo Brasil, o que estaria diminuindo o número de mortes no país.

[...] No Brasil não se conhecem os rigores de inverno dos países temperados ou frios, nem também o tormento dos seus dias calamitosos de verão.

Em summa, tem o Brasil uma pathologia igual á européa, com algumas vantagens em muitos casos particulares. Sem tradições e ainda em época de formação, a nossa hygiene realiza com facilidade as mais notáveis aquisições da sciencia contemporanea. Todos os dias a morbidade e a mortalidade cedem ao saneamento das habitações e dos meios urbanos, de tal jeito, que no momento atual os nossos coefficients mortuários têm uma colocação muito digna entre os melhores do mundo” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.191, 192).

Ainda em relação ao clima, percebemos que os autores trazem luz ao que era dito a respeito do clima de países quentes. Dizia-se que o clima destes países era o que ocasionava doenças, o que não era dito dos países frios, como os da Europa.

[...] Este conceito é tão arraigado que, para a mesma doença, o procedimento europeu é differente, segundo se trata da Europa ou de outra parte infectada. As noções de prophylaxia da cholera, por exemplo, não são as mesmas nas Índias ou na Grã-Bretanha. Os ingleses na sua ilha deffendem-se victoriosamente das epidemias exóticas, nas sua colonias pactuam pacientemente com ellas [...]” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.193).

Além disso, demonstram iniciativas de outros governos em relações às doenças que os acometiam:

O advento da America no próprio governo e nos negócios do mundo veio mostrar um caminho até aqui ignorado. [...] Graças a isso, o europeu e o americano podem, sem receios, commerciar, colonizar, viajar estes cantos, outr'ora defesos á sua segunrança.

Inspirado destes principios o Brasil se libertou, em menos de tres annos, da febre amarella que o diffamava havia meio século, e que, graças á prophylaxia especifica, já não figura nos hospitaes nem nos obituários. A Argentina havia já empre hendido obras de sanemaento livrando a sua capital da febre typhica, que a dizimava. Outros povos, outras cidades do continente, inspiraram-se neste arumentos. Talvez chegue a vez da Europa os imitar, ao menos no trato de suas colonias.

Será uma orientação nova de sua politica sanitaria substituida á actual, que consiste em egoisticamente defender-se pelos meios menos proprios e accumular contra os outros uma porção de legendas e prevenções, uma das quase, e das mais falsas, é essa do clima, com a qual se tem pretendido até agora, em falta da noção etiológica das doenças, encher uma lacuna no conhecimento e dar uma justificativa ao medo (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.194- 195).

Sobre as doenças causadas pelo clima os autores informam e alertam algo que era novo àquele tempo, que “[...] *existem apenas doenças evitáveis, contra as quaes a hygiene tem meios seguros de defesa e reação* (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.195), tratam ainda da importância da ciência em prol da saúde: “A saude no globo é independente da fatalidade das latitudes: é uma conquista do esforço e do conhecimento humano” (PEIXTO; COUTO, 1914, p.195). Ainda a esse respeito, os autores falam que os serviços de higiene, no Brasil, estavam organizados, diz que com a profilaxia e a desinfecção, conseguiríamos acabar com as doenças que acometiam a população.

No tópico V da segunda parte, trata sobre a alimentação. É subdividido em Alimentos animais, Carnes nocivas, Alimentos vegetais, “Amylaceos”, Alimentos líquidos: bebidas e Condimentos. Percebemos a preocupação com a causa higiênica até mesmo em relação aos alimentos que deveriam ser ingeridos, as contaminações e a ênfase que os autores dão à tuberculose, “A *tuberculose* é doença ainda mais frequente no gado vaccum, que no homem. Pela prova da tuberculina reconheceu-

se que a metade ou mais ainda das vaccas leiteiras são contaminadas (...). (PEIXOTO; COUTO, 1914, p. 245, 246)

Ainda nesta parte, no momento em que trata das bebidas, nos chamou a atenção algumas ilustrações Fig. 76, da página 295 que fala sobre bebidas, mostra um homem (pai) segurando uma cadeira e uma criança agarrada à uma mulher (mãe), cuja legenda é: “O alcool degrada o caracter e os sentimentos”, a fig. 77 da página 296 mostra um homem sendo pego por guardas. E traz a seguinte legenda: “O álcool faz perder a dignidade e conduz á prisão”. A fig. 78 da página 297 mostra um homem com muletas. Traz a seguinte legenda: “A descendencia dos bebedores é de degenerados, loucos, aleijados e incapazes”. A fig. 79 da página 299, mostra pessoas loucas e um homem caído no chão. Com a legenda: “O hospicios de loucos, como as prisões, estão cheios de victimas do alcool”.

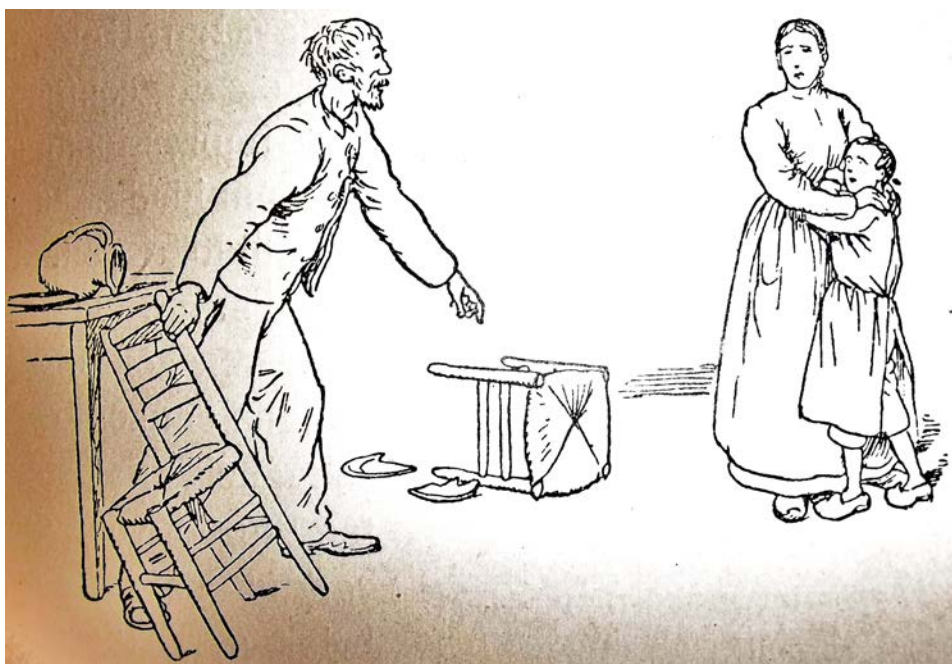


Imagem 3: Fonte: Noções de Hygiene. Fig. 76: “O alcool degrada o caracter e os sentimentos” PEIXOTO, Afrânio; COUTO, Graça. Noções de Hygiene: Livro de leitura para as escolas. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia; Paris: Aillaud, Alves & Cia, 1914, p.295. Acervo: NIPHEI/LIEPHEI.



Imagem 4: Fonte: Noções de Hygiene. Fig. 77: "O alcool faz perder a dignidade e conduz á prisão". PEIXOTO, Afrânio; COUTO, Graça. Noções de Hygiene: Livro de leitura para as escolas. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia; Paris: Aillaud, Alves & Cia, 1914, p.296. Acervo: NIPHEI/LIEPHEI.



Imagem 5: Fonte: Noções de Hygiene. Fig. 78: "A descendencia dos bebedores é de degenerados, loucos, aleijados e incapazes". PEIXOTO, Afrânio; COUTO, Graça. Noções de Hygiene: Livro de leitura para as escolas. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia; Paris: Aillaud, Alves & Cia, 1914, p.297. Acervo: NIPHEI/LIEPHEI.

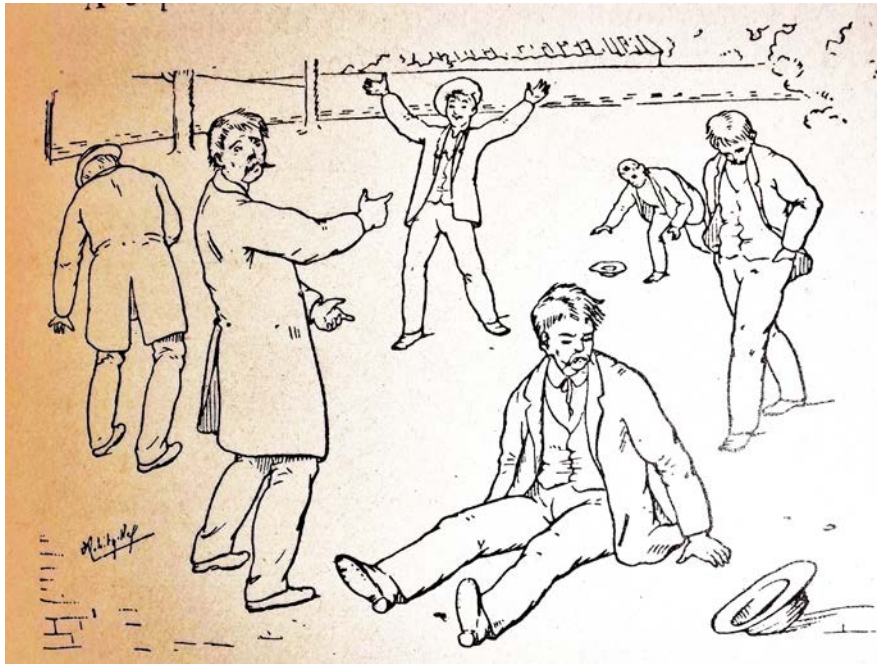


Imagem 6: Fonte: Noções de Hygiene. Fig.79: “O hospícios de loucos, como as prisões, estão cheios de victimas do alcool”. PEIXOTO, Afrânio; COUTO, Graça. Noções de Hygiene: Livro de leitura para as escolas. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia; Paris: Aillaud, Alves & Cia, 1914, p.299. Acervo: NIPHEI/LIEPHEI.

Ainda sobre o álcool, os autores afirmam que um dos recursos para se combater o alcoolismo é a “[...] propaganda higiênica nas escolas, nos livros, pelo cinematographo, pelso cursos, nas conferencias” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.303).

“A prophylaxia do alcoolismo é uma das mais prementes obrigações do Estado, que não pode e não deve querer a propria decadencia. Infelizmente, graças á inconsciencia geral dos poderes públicos, ella é feita com recursos ridículos, ás vezes, outras contraproducentes. A protecção mal entendida ás industrias estende-se escandalosamente ao grande e pequeno commercio do álcool” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.302).

No tópico VI da segunda parte falam sobre a roupa trata sobre a questão dos coletes femininos usados para afinar a cintura, diziam eles que isso deformaria o corpo e os órgãos. Falam ainda dos calçados tanto femininos pelo salto alto, quanto masculinos. A sétima parte da parte II fala sobre A casa. Os autores traçam como deve ser uma casa higiênica, para isso falam sobre o lugara para a edificação da casa, a orientação, a largura das ruas, os materiais de construção, os alicerces, as paredes, etc.

Se o architecto traça o desenho da fórmula e do plano interno das commodidades necessárias, se o engenheiro ou o mestre de obras, obedecendo á risca, levanta do chão, com os materiaes de construcção, a casa desejada, o higienista para perfeição do

trabalho e excellencia do uso futuro tem que ser ouvido nos conselhos e nas obras, que fazem da habitação não só um abrigo seguro, comodo, agradável, mas também sadio, e só então capaz de todos os proveitos.

Conselhos e obras começam na escolha do logar para edificação, na orientação da casa, nos materiaes de construcção, nas precauções contra os agentes exteriores, continuamse na vigilância pelo meio interno, ventilação, illuminação, mobiliário, provisão de água, remoção de immundicies e acabam no entretenimento hygienico da vida domestica” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p. 331- 332).

A parte III do livro fala sobre Condições especiais de saúde. Esta parte é subdividida em: I- A criação; II- A educação; III- O exercício; IV- O trabalho; V- O asseio e VI- Vida no campo e na cidade. Focarei na parte que fala sobre a educação, pois é o que mais nos interessa a partir de agora.

Primeiramente os autores iniciam falando sobre o que é a educação, e qual o seu papel, falam que a escola é o local onde se aprende noções de decência de proveito pessoal e social, regras de bem viver que poderão se tornar hábitos. Esses indícios são importante para pensarmos a visão dos autores sobre a escola e como médicos-higienistas seus discursos chegavam às escolas. “Para tão alto designo a escola é o meio adequado e efficaz, á maioria do povo. A pedagogia ensina como se o deve conseguir; a hygiene intervem para proteger a saude contra as imperfeições, os excessos e as eventualidades perigosas, capazes de perturbá-lo e mesmo impedi-lo” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p. 401).

Regime escolar.- É da maior importancia e da mais onerosa responsabilidade: a escola. Pelo seu regime physico, hygienico, mental, tem uma influencia decisiva sobre a criança e o homem futuro. Se nem sempre Ella é capaz de os fazer melhores, quase sempre Ella os fazia, e ainda os faz, definhados, entorpecidos, viciosos, doentes... Nessa epoca da vida, delicada e sensível sobre todas , as impressões e consequencias são da maior gravidade. Por isso tanta preocupação pedagógica, principalemnte de ha um seculo, por tornar a escola capaz de suas utilidades, suprimido-lhe os enormes defeitos (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.409).

Os autores trazem ainda dados de como devem ser construídos os prédios escolares, como devem ser os mobiliários, o que a escola deve possuir, como:

vestiário, lavatório, mictório, latrina e recreio, ao ar livre e abrigado. Podemos perceber o cuidado em relação ao espaço escolar que deveria ser concebido como local onde deve começar a educação higiênica e onde o professor “(...) é responsável por ella, como pela instrução. Os habitos de decência e de entretenimento hygienico desses utensilios, fáceis de adquirir-se no começo da vida, persistem falizmente pelo resto della” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p. 407). Podemos pensar que se ainda não haviam prédios escolares apropriados para se conceber a escola, impossível seria pensar na rotina escolar, como temos hoje. Os autores trazem algumas informações sobre isso.

3.2- Noções de Higiene na educação

Em relação à educação, os autores criticam as formas de ensinar, dizem que o ideal é que cada criança fosse educada a seu jeito, segundo suas possibilidades por um pedagogo, e que o programa fosse sendo feito de acordo com as necessidades individuais. Como não é possível eles falam que: “[...] A escola, o lycêu, os programmas communs, são usinas de instrução e educação collectiva, reduzindo tudo a um estalão uniforme, a que todo se devem conformar” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.411). Os autores enfatizam ainda as formas de ensinar, os castigos, as lições difíceis, e as exigências dos mestres que cobram muito dos alunos, chamam isso de “velha pedagogia ignorante”.

A todo momento no manual, os autores expõem suas insatisfações desde o prédio escolar, sua construção, adaptações necessárias a uma sala de aula, até aos aspectos físicos de seus espaços como os mobiliários escolares e como estes influenciariam na aprendizagem, e além disso nos problemas físicos que o mau uso destes acarretaria aos alunos. Um dos argumentos dos autores em relação à educação e em relação aos livros escolares é de que os livros já existentes no Brasil traziam conceitos difíceis e citações em outras línguas o que dificultava a apreensão e assimilação pelos alunos.

Os *livros escolares* são, não raro ainda, muito defeituosos. Educadores e mestres esquecem ordinariamente do destino do livro, e fim do ensino, por vaidosa ostentação de conhecimentos. São

abstratos, difíceis, complicados, para uma idade em que as noções concretas, miúdas, simples, são as únicas possíveis. Começam por definições... e que definições! recheiadas às vezes até de termos gregos e latinos; em todo o caso, inacessíveis. Não conhecendo o definido, coagida a uma definição que não compreende, só existe um recurso... martelá-la na memória, até decorar... É o que faz a criança... Diante do regime escolar, ainda de hoje, um grande homem perguntou:

<< Como é que sendo as crianças tão inteligentes, os adultos são tão tolos?... Deve ser culpa da educação. >> E é, muitas vezes (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.411).

Sobre o papel dos professores na visão dos autores, eles falam que o professor deve ter além de uma ação pedagógica, uma ação tutelar, vigiando os meios e hábitos escolares. Podemos perceber que para estes médicos, o professor tinha um papel de salvaguardar a vida de seus alunos pela visão higienistas. Deveriam ser agentes que cuidariam não só do ensino prático, mas das formas pelas quais os alunos aprenderiam estes hábitos.

O *mestre* deve vigiar sobre todos esses meios e hábitos escolares, completará a sua ação tutelar e só então pedagógica, com todos os conselhos e advertências suasórias para corrigir más tendências e dar boa direção à espontaneidade infantil (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.415).

Com esse intuito, os autores pensavam em conformidade com as ações do âmbito social, como prova disso, temos a preocupação com o sanitarismo. Não só a cidade deveria ser limpa, mas a escola pensada como ambiente limpo, sadio e saudável deveria também contar com medidas de vigilância não só dos corpos individualmente, mas de seus espaços.

Inspeção médica das escolas.- Deve comportar a vigilância sanitária do meio escolar, dos alunos individualmente, e a prevenção das doenças transmissíveis.

Vigilância sanitária do meio escolar.- Além de ser ouvido ou consultado sobre a orientação, construção, disposição do edifício escolar quando edificado, o médico ou o higienista, melhor do que o pedagogo, poderá determinar as medidas de adaptação dos prédios existentes às condições indispensáveis de asseio, removendo aquelas de nocividade provada, relativas a cubagem, ventilação, iluminação, mobiliário, lavatórios, aparelhos sanitários, etc. Além disto, uma fiscalização contínua manterá a boa ordem e a limpeza necessárias à higiene do meio escolar.

Vigilancia individual dos alumnos.- Todos os indivíduos destinados ao curso de uma escola devem ser inicialmente examinados pelo medico escolar, não só para o conhecimento de suas condições pessoais, como para a prevenção de perigos possíveis para a colectividade escolar” (p.415 e p. 416).

Ainda sobre a vigilância dos alunos, os autores citam a caderneta escolar, meio pelo qual se resguardavam as observações feitas na inspeção dos alunos. Através delas, os médicos recolhiam dados dos alunos, em relação à sua saúde, e os cuidados sobre a higiene do alunado. Podemos perceber o controle exercido pelo campo da Medicina nas escolas. A escola não seria somente um lugar de aprendizado, mas um lugar de intervenção direta sobre os corpos. Essa intervenção chegaria até às casas dos alunos através dos hábitos que eram reproduzidos por estes.

“De todos esses dados recolhidos na observação pessoal se comporá a *caderneta sanitaria* do alumno. O segredo medico obrigará a ficar reservada ao uso do profissional, que della deduzirá apenas os cuidados especiais de hygiene que reclama tal ou tal individuo, comunicados ao mestre ou á família, para beneficio da criança. Todo os alumnos serão assim examinados, á entrada no curso, ao cabo dos estudos e uma ou duas vezes de permeio; a lei francesa obriga a exame trimestral.

A comparação dos dados obtidos mostrará a proficuidade das recommendações feitas a proposito, se houver mister, e o desenvolvimento physico, psicologico e mental da criança durante o tempo decorrido. Certamente os predispostos, tarados, ou mesmo enfermiços, compatíveis com a escola, serão examinados mais amiadadas vezes, para garantia , propria e alheia, de hygiene.

A caderneta sanitaria, terminado o curso será entregue aos Paes ou interessados para seu governo e proveito ainda do alumno” (PEIXOTO; COUTO, 1914, p. 416 e p. 417).

Esta terceira parte do livro ainda é dividida em: III- O exercício; IV- O trabalho; V- O asseio; VI- Vida no campo e na cidade: hygiene urbana. Em relação a esta última, os autores trazem que: “(...) todos os dias, em nossa epoca, os progressos da hygiene, maiores nas cidades, tendem a reduzir o obituario, tornando, sob este aspecto, somenos a diferença (PEIXOTO; COUTO, 1914, p. 482). Dizem ainda que o estudo das condições de hygiene urbana permite melhor conhecer as diferenças.

Na última parte do livro, a quarta, os autores falam a respeito dos Agravos à saúde e os meios de os evitar. Subdividem em: I- Acidentes; II- Doenças evitáveis- Infecções, infestações, intoxicações; III- Prophylaxia: notificação, isolamento, desinfecção, imunização e IV- Doenças comuns, regimes e dietas.

Sobre as doenças, os autores trazem grandes contribuições para pensarmos a campanha anti-tuberculose, iniciada em 1901 com a Liga Brasileira Contra a Tuberculose. Doença essa, que acarretava milhares de pessoas. Eles falam sobre as práticas higiênicas que não estavam contidas nos livros, estariam nos hábitos das gerações de futuros homens.

A educação será o eixo da propaganda anti-tuberculosa: a convicção geral do mal a evitar só se pode realizar pela convicção de cada um. Lições de coisas hygienicas devem ser dadas por toda a parte. A escola primaria deve ser principalmente a officina hygienica rudimentar, bem orientada, bem situada, bem construída, bem arejada, bem iluminada, bem provida de aparelhos sanitarios indispensáveis, e em que o professor, educado hygienicamente, além da instrução, pelo exemplo e pela pratica, dê conhecimento das vantagens do asseio, acostumando os alumnos a serem limpos, a tossirem convenientemente, a se servirem de lenço e de escarrador a tempo, a se alimentarem, recreiarem, trabalharem, dormirem, convenientemente, para a conservação da saude [...] (PEIXOTO; COUTO, 1914, p.599).

Desta forma, eles falam da necessidade das Escolas Normais e Cursos Especiais formarem o professor bem versado e prático das noções higiênicas que iria propagar mais tarde a seus alunos do ensino primário, bem como da necessidade de nas faculdades superiores esses conceitos e noções substituírem outros que não valeriam a pena serem ensinados. Para isso:

“(...) todos os edificios escolares deveriam começar por ser hygienicos. O ensino deve fazer praticando acções limpas. Na officinas, nas fabricas, nas prisões, nos quartéis, nos hospitaes os médicos deviam fazer cursos de hygiene anti-tuberculosa, começando por obter os meios práticos dessa educação(PEIXOTO; COUTO, 1914, p.599, 600).

O manual apresentado nos mostra que para além dos avanços da Medicina como campo científico, a prática higiênica nas escolas pôde intervir na individualidade de cada pessoa. Além de regras, conceitos e hábitos a Higiene

trouxe uma nova maneira de se pensar a saúde e o corpo, sabendo que estando saudável, o indivíduo serviria melhor ao seu país, trabalharia melhor e estudaria melhor.

(...) Ler as Noções de higiene constitui-se, desse modo, em um exercício de compreensão da história da educação que, pondo em cena as estratégias de conformação da instituição escolar aos padrões de eficiência e racionalidade elaboradas pelos médicos-higienistas, possibilita uma aproximação dos múltiplos saberes e dispositivos que presidiram a constituição de uma cultura escolar moderna (ROCHA, 2000, p.16).

Acreditamos que a intenção destes médicos ao escreverem manuais como este para as escolas era incumbir cada indivíduo de sua responsabilidade social. Sabendo de seus deveres cada cidadão deveria se portar adequadamente, ter hábitos saudáveis e propagar esses hábitos apreendidos nas escolas para suas famílias, sabendo que o bem de cada um acarretaria num bem coletivo. Desta forma, os discursos dos médicos visavam ecoar para a população que não estava dentro da escola, fazendo-se perpetuar os saberes e noções contidos nele.

Considerações Finais

Com este trabalho monográfico buscamos compreender um dos dispositivos utilizados para que as noções de higiene adentrassem no campo educacional: o livro escolar. Para isso foi necessário recorrer ao contexto histórico que a cidade do Rio de Janeiro passou, permeando o campo científico que se desenvolvia em meio ao caos trazido pela modernidade, bem como conhecer como a higiene foi pensada como pauta dos discursos dos médicos higienistas.

Para curar doenças, evitá-las e exterminá-las a higiene foi pensada pelos médicos-higienistas como forma profilática de ação e intervenção primeiramente para as escolas, de modo a atingir o restante da sociedade e, por meio de exemplos e hábitos higiênicos a serem propagados. A higiene era vista como campo que poderia ir além da Medicina, pois acarretaria grandes números de pessoas pela divulgação de hábitos saudáveis, pelo intuito de trazer resultados imediatos, pensando na prevenção antes da cura, onde o conceito de profilaxia é muito utilizado. a ideia de que era melhor prevenir do que remediar” assume ênfase e a higiene surge, então, como forma de combater as mazelas que acarretaria doenças pestilentas tão difíceis de serem combatidas à época.

Objetivamos trabalhar com o livro *Noções de Higiene para uso das escolas*” dos doutores Afrânio Peixoto e Graça Couto, por ser um manual escolar produzido por médicos envolvidos com a educação. Pensamos em como os avanços da ciência médica e o desenvolvimento dos estudos em relação ao espaço escolar contribuíram para que estes médicos fizessem suas considerações e expusessem suas opiniões a respeito da escola, do papel da educação e do papel do professor como divulgador da higiene no espaço escolar. Tendo o professor como principal divulgador dos saberes trazidos pelos médicos para dentro das escolas, lugar onde prevalecia a autoridade do mestre, mas também se reconhecia o poder assumido pelo saber medico. Penso ser isso e não uma exclusão do médico

Este manual é uma obra de extremo valor se pensado com um olhar reflexivo. A sua análise nos traz pistas de como a educação era concebida pelos médicos que interviam diretamente no espaço escolar. Podemos pensar que fazer um livro que

seria utilizado por futuras professoras, era uma investida que traria retornos, uma forma de seus discurso perpetuando os conhecimentos contidos nele.

Tal metodologia nos fez refletir sobre como o progresso do país impôs tentativas de se conceber a ordem, também identificamos o papel da escola naquele momento, que juntamente ao papel do professor foram dispositivos que elevaram a educação higiênica de toda população brasileira. Assim como a escola foi concebida como *locus*, lugar privilegiado para a expansão dos saberes médicos-higiênicos, o professor era visto como principal agente que iria intervir diretamente sobre seus alunos, educando-os e fazendo-os repetir hábitos para uma melhoria da saúde e prevenção das doenças devastadoras que acometiam não só crianças mas a sociedade da época.

Neste movimento de reflexão tivemos o intuito de trazer luz a este manual que foi um meio eficiente dos discursos produzidos pelas Faculdades de Medicina adentrarem a escola. Pensando a higiene como fio norteador de produção dos discursos dos médicos no livro, podemos elegê-la como ciência eficaz que cumpriu papel profilático de prevenção de doenças. Recorrer ao passado para responder perguntas presentes é uma forma de perceber como hábitos e práticas que hoje em dia estão naturalizadas em crianças e adultos, contidas em livros escolares e cartilhas de higiene foram sendo produzidas com o tempo, com um caráter educativo e intervencionista não só para o aluno, mas para o seu lugar de pertencimento na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Jaime. *Reforma urbana e revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro*. in: FERREIRA, Jorge. e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano. Vol.1 O tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História*, ou, o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

CAMARA, Sônia. *Sob a guarda da república: a infância menorizada no Rio de Janeiro da década de 1920*. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 2010.

_____. Projeto de Pesquisa: *A arte de cultivar crianças: higiene escolar e educação da infância no Rio de Janeiro de 1909 a 1933*. Rio de Janeiro, 2011.

_____. *Relatório de Pesquisa: A arte de cultivar crianças: higiene escolar e educação da infância no Rio de Janeiro de 1909 a 1933*. Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Por uma Ação Preventiva da Infância: as Conferências de Higiene Infantil do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro(1901 a 1907)*, in: *XXVII Simpósio Nacional de História:Conhecimento Histórico e diálogo social*. Natal, RN, 2013.

HOCHMAN, Gilberto (org). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora :Fiocruz, 2004.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. *Apologia da História*, ou O Ofício do Historiador, p.15. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

NEEDELL, Jeffrey D. *Bellé Époque Tropical: Sociedade e Cultura da elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. *Os Cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano – o tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Vol. 1. p. 13-44.

PAIVA, T. F. *Noções para persuadir e educar: os discursos médico-higiênicos na formação e ofício do professorado primário (1914-1928)*. 2013. 228f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Livros Escolares como fonte histórica: abordagens e perspectivas para a história da formação de professores no Brasil*. In: VI Congresso de Ensino e Pesquisa em História da Educação em Minas Gerais, 2011, Viçosa. 10 anos-Balances e Perspectiva da Pesquisa de História da Educação Em Minas Gerais, 2011.

PEIXOTO, Afrânio; COUTO, Graça. *Noções de Hygiene: para uso das escolas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia; Paris: Aillaud, Alves & Cia, 1914.

ROCHA, Heloísa Helena pimenta. *Prescrevendo regras de bem viver: Cultura escolar e racionalidade científica*. In: Cadernos Cedes, ano XX, no 52, novembro/2000

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou O Ofício do Historiador*, p.15. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

SILVA, Márcia Cabral; PAIVA, Tamires Faria de. *“Modesta flor” em coleção para professores*. In: Revista Teias v. 14, n. 28,p. 135-151, maio/ago. 2012

STEPAN, Nancy Leys. *“A Hora da Eugenia” raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.

STEPHANOU, M. Discursos *médicos, educação e ciência: escola e escolares sob exame*. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 33-64, 2006.

_____. *Imagens em cartaz: propaganda sanitária e educação*. In: V Anped Sul/Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2004, Curitiba. V Anped Sul. Curitiba/PR: Editora Universidade Champagnat, 2004.